



Clara Rodrigues Batista Sanfins

**“E então, assim que eu consegui andar, assim que eu
consegui até mesmo me arrastar, eu fui para o Rio”: Uma
análise das redes de apoio de intelectuais antifascistas e da
vida e obra exilar de Susanne Eisenberg**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC-Rio como
requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História

Orientador: Mauricio Barreto Alvarez Parada

Rio de Janeiro,

Junho de 2025

Para meu gato Barbixa, que faleceu durante a elaboração dessa pesquisa. Esse trabalho não começou como uma homenagem a você, mas definitivamente terminou como uma. Esteja onde estiver saiba que não passo um dia sem pensar em todo amor que você deixou comigo.

Agradecimentos

A todos os meus colegas de universidade tornados amigos, que me fizeram me sentir vista e entendida de um jeito que eu não era a muito tempo, graças a vocês sei que não importa a quão perdida eu esteja, nunca estarei sozinha.

À minha família de sangue e de coração, vocês sabem quem são.

À PUC-Rio, que permitiu tornar-me a alma e mente pensante que sou hoje.

Ao meu orientador de monografia Maurício Parada, que me guiou durante todas as mudanças e novidades que essa pesquisa trouxe (foram muitas) e as alunas do grupo de estudos sobre mulheres e exílio do qual participo a quase três anos, nossas discussões foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho.

A Juçara Mello e a todos os colegas que me acolheram ainda no início da graduação no PET - Programa de Educação Tutorial.

A professora Ana Percebom e toda a equipe do MacroNanoLab, grupo de pesquisa e divulgação científica do qual fiz parte nos últimos anos, que me fizeram enxergar em mim mesma um potencial que eu nunca tinha visto.

À toda a equipe do Stonelab, que me acolheu com carinho no espaço onde muitas das páginas deste trabalho foram escritas.

À equipe da livraria Susanne Bach, que nos últimos meses recebeu em sua sede em Botafogo o grupo de pesquisa do qual faço parte e nos permitiu acessar o arquivo da livraria, que foi parcialmente redigido pela própria Susanne.

À minha sobrinha Aurora e a meus três gatos Kiara, Barbixa e Chico, vocês não sabem ler mas aposto que adorariam a história da Susanne tanto quanto eu.

Ao meu companheiro de vida, Felipe, que me deu todo o suporte não só durante esta pesquisa, mas em todos os anos de faculdade, você é a minha estrela-guia.

Por último, à Susanne, espero ter feito jus a sua bela trajetória.

Resumo

O presente trabalho pretende realizar uma biografia intelectual da filóloga, escritora e livreira Susanne Eisenberg (Bach), exilada no Brasil com o Grupo Görgen a partir de 1941, onde publicou parte de sua obra autobiográfica e fundou a primeira livraria exportadora de livros acadêmicos do país. O trabalho faz uma análise da articulação das redes de apoio de intelectuais antifascistas que permitiram a fuga de Eisenberg de uma Europa tomada pelo fascismo, assim como de sua circulação em ciclos intelectuais em seu exílio. Analisa também suas obras autobiográficas através da perspectiva testemunhal, entendendo os traumas trazidos pelo seu deslocamento e sua contribuição para a memória do holocausto e por último, destrincha a atuação de Eisenberg como livreira através da livraria *Susanne Bach Comércio de Livros*, situando-a também como uma intelectual mediadora.

Palavras-chave: Susanne Eisenberg (Bach); Literatura de exílio; Intelectuais Antifascistas; Testemunho; Grupo Görgen.

Abstract

This paper aims to write an intellectual biography of the philologist, writer and bookseller Susanne Eisenberg (Bach), who was exiled in Brazil with the Görgen Group from 1941 onwards, where she published part of her autobiographical work and founded the first academic books export bookstore in the country. The paper analyzes the articulation of the support networks of anti-fascist intellectuals that allowed Eisenberg to escape from Europe when it was taken over by fascism, as well as her circulation in intellectual circles during her exile. It also analyzes her autobiographical works from a testimonial perspective, understanding the traumas brought about by her displacement and her contribution to the memory of the Holocaust. Finally, it unravels Eisenberg's work as a bookseller through the bookstore *Susanne Bach Comércio de Livros*, also placing her as an intellectual mediator.

Keywords: Susanne Eisenberg (Bach); Exile Literature; Anti-fascist Intellectuals; Testimonial; Görgen group.

Sumário

Lista de Ilustrações.....	7
Introdução	8
Capítulo I - Os fios em meio a Trama: A articulação de redes de apoio de intelectuais antifascistas em meio a trajetória de Susanne Eisenberg..	10
1.1 Primeiramente, Susanne.....	10
1.2 O Professor: Karl Vossler.....	14
1.3 A Livreira: Eugénie Droz	18
1.4 A Amiga: Dana Becher	20
1.5 O amigo do Brasil: Hermann Görgen	233
Capítulo II - “O amor ao Livro nos Une”: Uma análise das Obras e das estratégias para continuidade intelectual	27
2.1 A linha tênue entre o Romance e a Autobiografia	27
2.2 A Narradora e a Narração: Uma análise pela perspectiva do testemunho	34
2.3 Reparar o que foi rompido: estratégias para continuação da carreira intelectual	44
Conclusão	49
Referências Bibliográficas	53

Lista de Ilustrações

Figura 1 - Foto da contracapa da versão de capa dura de *À la recherche du monde perdu* (Eisenberg, 1944) disponível para consulta na Biblioteca Nacional. - Página 30

Figura 2 - Capa da publicação de *Karussell: Von München nach München*. (Bach, 1991) - Página 31

Figura 3 - Capa da publicação de *Im Schatten von Notre Dame*. (Eisenberg-Bach, 1986) - P. 39

Figura 4 - Foto da contracapa da versão de capa dura de *À la recherche du monde perdu* (Eisenberg, 1944) disponível para consulta na Biblioteca Nacional. - P.39

Figura 5 - Fotografia do túmulo da mãe de Susanne Eisenberg, Erna Gutherz, no cemitério Judeu de Munique. (*Im Schatten von Notre Dame*, 1986, p. 6) - P.40

Figura 6 - Fotografia de Susanne Eisenberg em frente a *Librairie Droz* em Paris. (*Im Schatten von Notre Dame*, 1986, p. 10) - P.41

Figura 7 - Fotografia de Bimi, gato de Eisenberg que a acompanha durante grande parte de sua narrativa. (*Im Schatten von Notre Dame*, 1986, p. 49) - P.42

Figura 8 - Contracapa de *Im Schatten von Notre Dame* (1986), na qual podemos identificar uma fotografia de Eisenberg. - P. 43

Figura 9 - Cartão de Visitas de Eisenberg encontrado nas pesquisas iniciais no arquivo da *Livraria Susanne Bach*. - P.50

Figura 10 - Ficha catalográfica do livro *Karussell: Von München nach München* (1991). - P.51

Introdução

Susanne Eisenberg foi apenas uma entre as milhares de pessoas que se viram na condição de refugiadas em consequência da ascensão do nazifascismo na Alemanha. O que torna a figura principal desta história interessante é o fato de que, sendo uma mulher judia em uma Alemanha onde o fascismo de Hitler estava em constante crescimento, protagonizou diversas fugas através de uma Europa tomada por ideais antisemitas, a última delas tendo por acaso como destino final o Brasil. Além disso, durante seu exílio ela veio a fundar a primeira livraria exportadora de livros acadêmicos do Brasil, tendo atuado como diretora nesta até 1984 e de publicado uma sequência de obras autobiográficas testemunhais que narram sua trajetória exilar e possuem caráter de denúncia ao Fascismo. Se esta conjuntura de eventos não fosse suficientemente interessantíssima por si só, ela se junta ao fato de que Eisenberg teve sua chegada ao exílio através da articulação de fuga de um grupo formado por intelectuais judeus e católicos perseguidos pelo regime nazista, que conseguiram escapar de uma morte iminente através de uma empreitada praticamente hollywoodiana. Este grupo viria a ser conhecido mais tarde como o Grupo Görgen, ganhando seu apelido devido a seu principal organizador, o filósofo e professor alemão Hermann Mathias Görgen. Nesse sentido, torna-se necessário analisar como esta trajetória de fuga extensa e complexa de Eisenberg não se deu devido a fatores do acaso, como a sorte ou o destino, e só foi possível pois a filóloga estava intrinsecamente integrada a uma série de redes de apoio de intelectuais antifascistas que percorria toda a Europa.

Espalhados por diversos sites e arquivos que tem como foco a temática do Exílio e a trajetória de exilados de língua alemã, podem ser encontrados múltiplos verbetes¹ que abordam a história de Eisenberg, estes servirão em parte como base para o levantamento bibliográfico sobre a trajetória da autora que pretendo realizar no primeiro capítulo desta pesquisa. Contudo, um fator comum que pode ser notado entre

¹ Os verbetes citados e seus respectivos links de disponibilidade: “*Antiquarian Booksellers in Exile – Susan Bach (1909-1997)*” <https://ilab.org/fr/article/antiquarian-booksellers-in-exile-susan-bach-1909-1997>; Dr. “*Susanne Eisenberg-Bach. Romance scholar, bookseller, emigrant*” - <https://hdbg.eu/zeitzeugen/detail/holocaust-shoah/dr-susanne-eisenberg-bach/38>; “*Persecution and Emigration of German-Speaking Linguists 1933-1945 - Susanne Bach*” - <https://zflprojekte.de/sprachforscher-im-exil/index.php/catalog/b/132-bach-susanne>.

estes breves textos, que tem por muitas vezes a árdua tarefa de síntese ao colocar em pouquíssimas palavras uma trajetória de vida com tantas nuances, contribuições e estágios diferentes, é a falta de atenção para com a construção da trajetória da carreira intelectual de Eisenberg tanto antes quanto depois de seu exílio. Nesse sentido, pretendo examinar mais a fundo esta esfera até então pouco explorada sobre a trajetória da filóloga e livreira, procurando localizar a autora em meio a uma rede de apoio de intelectuais da qual tomou parte, analisando também a publicação de suas obras autobiográficas e sua atuação na livraria fundada por ela.

Dessa forma, gostaria de preencher a lacuna sobre a carreira intelectual de Eisenberg deixada em meio aos verbetes sobre a livreira, propondo abordar sua trajetória através de uma biografia intelectual. Assim, pretendo tecer a história de Eisenberg através da perspectiva intelectual, entrelaçando em meio a esta trama uma análise das principais figuras que tiveram um papel decisivo na formação da filóloga e uma análise de suas obras autobiográficas como contribuições à memória do holocausto em meio a perspectiva testemunhal, além de discutir a dimensão suas contribuições culturais através de sua atuação na livraria exportadora *Susanne Bach Comércio de Livros*. Assim, dedicarei o primeiro capítulo desta pesquisa à análise de quatro figuras que considero essenciais à trajetória intelectual de Eisenberg e que acredito terem sido decisivas a sua fuga de uma Europa tomada pelo Nazismo e sua chegada ao exílio no Brasil. Em seguida, dedicarei o segundo capítulo desta monografia a investigação da atuação intelectual de Eisenberg após seu exílio, analisando tanto suas publicações autobiográficas quanto sua atuação como uma intelectual mediadora por meio de sua posição como livreira.

Capítulo I - Os fios em meio a Trama: A articulação de redes de apoio de intelectuais antifascistas em meio a trajetória de Susanne Eisenberg

1.1 Primeiramente, Susanne.

Nascida na Alemanha, mais especificamente na cidade de Munique no ano de 1909, Susanne originou-se em meio a uma família cercada por conexões com a arte e a literatura. Filha de Felix Eisenberg, o gerente de uma casa de impressão de arte em cobre onde aconteciam também performances de artistas, e de Erna Gutherz, pintora que havia estudado sob o impressionista Lovis Corinth². Susanne, que começou a colecionar livros com apenas 12 anos de idade, terminou o ensino médio no ano de 1928, tendo ingressado em seguida na universidade de Munique. Eisenberg obteve através de seus estudos universitários conhecimentos em línguas Românicas, Literatura, história da arte e economia, tendo realizado também estudos intensivos no campo de idiomas. Assim, em 1932 concluiu seu doutorado sob a orientação de Karl Vossler, no qual apresentou sua tese intitulada de “*História do verbo francês bailler*”. Sua dissertação de doutorado reúne vastas informações sobre a história deste verbo, organizadas em ordem cronológica e apresentadas ao lado de provas literárias de seu uso, sendo um trabalho voltado vastamente para o campo da semântica. Ademais, o argumento com um viés mais histórico-político que seria esperado em uma tese orientada por Vossler curiosamente não está presente.

Depois da finalização de seu doutorado, Eisenberg redigiu uma candidatura a um cargo no *Thesaurus Linguae Latinae*³, tendo em seguida sido rejeitada pelos

² Lovis Corinth foi um pintor Alemão nascido em 1858 na região da Prússia e conhecido por fazer parte do movimento impressionista Alemão, sendo citado como parte do “Triunvirato do impressionismo Alemão” ao lado de Max Liebermann e Max Slevogt. (UHR, 1990) Além disso, foi o fundador de uma escola de pintura para mulheres em Berlin, fundada em 1902. Uma breve biografia do pintor pode ser encontrada no site do Kimbell Art Museum, disponível em: <https://kimbella.org/art-architecture/recent-acquisitions/lovis-corinth>

³ Mais sobre a história do Thesaurus Linguae Latinae pode ser encontrado em: <https://thesaurus.badw.de/ueber-den-tll/geschichte.html>

diretores antissemíticos do instituto devido a sua ascendência judia, apesar do apoio de Vossler em sua indicação. Assim, em outubro de 1933 ela emigrou para a França

onde trabalhou em um momento inicial em Paris primariamente como professora particular, sendo eventualmente treinada como livreira por Eugénie Droz na *Librairie Droz*, uma livraria especializada em literatura romântica e livros antigos internacionalmente reconhecida, onde Eisenberg permaneceu durante quatro anos como a responsável pela seção de livros de antiquário, até o ano de 1937. Durante esse período, ela também trabalhou repetidas vezes como assistente de pesquisa para acadêmicos reconhecidos da área de línguas Românicas, como Mario Roques e Menendez Pidal, e durante certo tempo também foi ativa em um comitê de suporte para refugiados judeus na França.

Depois da ocupação nazista da França em 1940, Susanne foi inicialmente levada para o *Vélodrome d'Hiver* em Paris e posteriormente para o campo de Concentração de Gürs, localizado nos pirineus, em maio do mesmo ano. Ela foi liberada do campo pelos Franceses no dia 12 de julho de 1940, e segundo o verbete escrito por Maas (2004) *Persecution and Emigration of German-Speaking Linguists 1933-1945*, o documento que relata a sua liberação consta que essa se deu devido a uma tentativa da administração do acampamento francês de evitar que perseguidos políticos como Eisenberg pudessem cair nas mãos dos alemães nazistas. Assim, a partir desta liberação Eisenberg conseguiu escapar para a parte não ocupada da França, indo primeiramente para Vichy e depois para Marseille, onde permaneceu entre os anos de 1940 e 1941 e trabalhou para uma organização de amparo a refugiados chamada HICEM⁴.

Susanne viria mais tarde descrever o período que passou como refugiada em Marseille em seu livro *À la recherche d'un monde perdu* (1944), narrando o desespero crescente entre os refugiados da cidade na tentativa de obter vistos de saída da Europa.

Os refugiados de Marselha, por outro lado, eram aqueles que já não acreditavam no regresso, aqueles que teriam dado tudo por um visto de qualquer país ultramarino. Agora, todas as conversas,

⁴ Um pouco mais sobre a organização pode ser lido no site do *Yad Vashem The World Holocaust Remembrance Center*, disponível em: <https://collections.yadvashem.org/en/about/o6368>

especialmente nos cafés do Vieux Port que substituíram os do Boulevard St. Germain e do Boulevard Montparnasse, tinham apenas um objetivo: você está com seus documentos de emigração? Vistos norte-americanos, brasileiros, mexicanos, vistos de trânsito espanhóis e portugueses, vistos de saída e assim por diante. Era uma atmosfera de pânico, o que era legítimo, dadas as detenções cada vez mais numerosas. (Eisenberg, 1944)

Dessa forma, como parte do grupo de refugiados de Marseille, Eisenberg também encontrou lugar em meio aos sentimentos de desespero daqueles que se viam no meio do caminho entre a saída de seu lugar de origem sem a certeza da chegada a um destino definitivo. É neste panorama que, devido a sua relação com Dana Becher, esposa do escritor Ulrich Becher, Eisenberg conseguiu se juntar a um grupo de emigrantes que realizou uma fuga bem-sucedida para o Brasil no ano de 1941, tendo conseguido um passaporte tcheco e um certificado de batismo através do auxílio de Hermann Görgen e suas respectivas conexões.

Assim, no dia 11 de maio de 1941 Susanne chegou ao Rio de Janeiro, onde deu a luz a sua filha Katharina quatro meses depois⁵. Após a chegada ao Brasil, trabalhou em diversos empregos, dentre eles como professora de línguas, tradutora, assistente de pesquisa, secretária em uma livraria e por fim como livreira. Depois do fim da guerra, a filóloga retornou para Paris, dessa vez como uma pessoa sem estado e portando um passaporte Nansen brasileiro⁶, onde novamente veio a trabalhar em livrarias e editoras durante certo tempo.

Contudo, a trajetória da autora em terras brasileiras não terminou durante seu exílio e em 1948 ela retornou ao Brasil, onde primeiramente trabalhou no departamento de importação de uma livraria. Quatro anos depois, em 1952, casou-se com o imigrante Húngaro Jean Bach, adotando assim o sobrenome Bach após a união através da qual conseguiu adquirir sua cidadania brasileira.

⁵ Ela não menciona o nome ou paradeiro do pai de sua filha em sua autobiografia, um dos muitos silêncios presentes em meio à sua obra literária.

⁶ Passaportes Nansen eram documentos emitidos para refugiados que não possuíam documentos de identificação internacionalmente reconhecidos depois da Primeira Guerra Mundial. Eles foram emitidos entre os anos de 1922 e 1942. Uma história mais detalhada desses documentos pode ser encontrado no site da ACNUR (em inglês UNHCR) disponível em: <https://www.unhcr.org/blogs/a-century-of-mobility-a-glimpse-into-the-history-of-refugee-travel-documents/>

A partir de sua vasta experiência do mercado dos livros, Eisenberg fundou em 1954 a primeira livraria exportadora de livros brasileira, tendo como sede inicial a sala de sua casa. A livraria *Susan Bach Comércio de Livros*⁷ exportou de sua sede localizada no bairro do Cosme Velho no Rio de Janeiro livros escritos no Brasil e em toda a América Latina para Europa e América do Norte, tendo como alguns de seus clientes diversas bibliotecas de faculdades nos Estados Unidos, a Biblioteca Britânica de Londres (*British Library*) e a *Bavarian State Library* em Munique. Além disso, a livraria recorrentemente publicou boletins sobre as novas publicações sobre a América Latina e partir de 1978 o negócio se mudou para um novo endereço no bairro de Botafogo, continuando ainda no Rio de Janeiro.

Eisenberg se dedicou extensivamente a pesquisa de literatura escrita por exilados de língua alemã, tendo começado sua coleção em 1972 e contribuído com diversas publicações acadêmicas sobre trabalhos de exilados alemães na América do Sul, especialmente sobre Stefan Zweig. A livreira adquiriu a carta de despedida escrita por Zweig antes de seu suicídio, tendo a doado mais tarde para o *German Literature Archive*. Além disso, Eisenberg se especializou como antiquária na área de literatura de exílio alemã, tendo reunido uma coleção extensa sobre o tópico ao longo de sua vida. Desta maneira, alimentada por aspirações de abrir uma filial de sua livraria em Munique e tendo em mãos sua adquirida nacionalidade brasileira, a autora tentou restituir sua cidadania alemã que havia sido revogada nos anos 30 em uma viagem à Europa entre os anos de 1969 e 1970. Ademais, a autora continuou situada no Brasil e atuando como diretora da livraria até 1983, quando retornou definitivamente à Munique onde seus netos residiam, e aonde veio a falecer no dia 10 de fevereiro de 1997, aos 88 anos.

Além de sua contribuição como pesquisadora e colecionadora da literatura de exílio alemã, no decorrer de sua vida a filóloga publicou uma sequência de obras com caráter autobiográfico com foco em sua trajetória exilar. Esses livros e suas múltiplas dimensões de publicação serão abordadas mais a fundo no segundo capítulo desta pesquisa, por hora torna-se interessante apontar como, segundo Marques (2024) a

⁷ No site da livraria consta também um pequeno trecho sobre sua fundadora, que pode ser encontrado em: <http://sbachbooks.com.br/about-us/>

publicação da primeira de suas obras, intitulada de *À la recherche du monde perdu* (1944), “desestabiliza os paradigmas da autobiografia e do testemunho como gêneros literários, apresentando estratégias editoriais e narrativas inovadoras para recontar o Holocausto.”⁸ Marques (2024) aponta como a publicação de Eisenberg quebra com o padrão esperado por uma autobiografia clássica ao construir um universo diegético como plano de fundo para a sua narração, não estabelecendo uma tríade narrativa entre autor, narrador e personagem, característica que só viria a mudar na última de suas publicações autobiográficas, publicada quase 50 anos depois, em 1991.

Após essa breve apresentação sobre a vida e obra de Eisenberg, procurarei me aprofundar em sua trajetória através de uma análise dos vínculos intelectuais adquiridos pela autora através de suas experiências na academia, buscando entender como estes possibilitaram sua circulação em meio a redes de apoio formadas por pessoas com formações superiores, altamente qualificadas, e que podem ser classificadas como intelectuais antifascistas. Dessa forma, torna-se possível mapear algumas das figuras intelectuais que tiveram grande influência tanto em sua trajetória intelectual quanto em sua trajetória física, os deslocamentos executados por ela em meio a suas fugas. Nesse sentido, dentre os muitos intelectuais que constituíam e permeavam as redes de apoio nas quais Eisenberg teve grande circulação escolhi analisar quatro figuras centrais a sua trajetória, sendo essas: Karl Vossler, seu professor e orientador de doutorado na universidade de Munique; Eugénie Droz, intelectual que a treinou como livreira em sua fuga inicial para Paris; Dana Becher, sua amiga pessoal que possibilitou sua fuga de uma França ocupada pelos Nazistas; e por último, Hermann Görgen, responsável pela organização da fuga do Grupo Görgen em direção ao Brasil.

1.2 O Professor: Karl Vossler

Nascido no ano de 1872, Karl Vossler foi um filólogo e professor extremamente reconhecido em sua área de atuação. Obteve seu doutorado em estudos alemães no ano de 1897 pela universidade de Heidelberg, apresentando em sua tese um trabalho com

⁸ déstabilise les paradigmes aussi bien de l'autobiographie que du témoignage en tant que genres littéraires, présentant des stratégies éditoriales et narratives novatrices pour raconter la Shoah. (Marques, 2024, p.346)

temática voltada para uma investigação das raízes do gênero literário conhecido como Madrigal. (Mass, 2004) Este primeiro vislumbre que podemos ter do trabalho de Vossler no campo da filologia através de sua tese já indica sutilmente o caminho que o filólogo viria a traçar em sua carreira, que veio a ser permeada pela publicação de trabalhos voltados para a temática da literatura alemã moderna e o estudo de línguas românicas, sempre envoltos por argumentos histórico-sociais que iam para além da linguística por si só.

Após seu doutorado, Vossler percorreu uma trajetória acadêmica que pode ser caracterizada como clássica, passando a ocupar o cargo de assistente no departamento de estudos românicos da universidade de Heidelberg e em seguida se qualificado como professor em filologia românica no ano de 1900, três anos após a finalização de seu doutorado. Apenas dois anos depois, em 1902, ele foi indicado ao cargo de professor associado, se tornando em seguida professor titular de filologia românica na universidade de Würzburg em 1909. Posteriormente em 1911, Vossler assumiria o cargo de professor de Filologia Românica na universidade de Munique, onde foi também reitor durante os anos de 1926 e 1927. (Mass, 2004; Hutton, 2012) É neste pequeno trecho do curso da vida de sua vida, agora situada em Munique, que podemos apontar o atravessamento de sua trajetória pela figura de Eisenberg, tendo ela sido sua aluna e orientanda durante seus anos lecionando na universidade de Munique.

No projeto *Persecution and emigration of German-speaking linguists 1933-1945 (Verfolgung und Auswanderung deutschsprachiger Sprachforscher 1933-1945)* Utz Maas (2004) foi o responsável por redigir uma série de verbetes com pequenas biografias de linguistas perseguidos pelo Reich por razões políticas ou raciais, incluindo verbetes focados nas trajetórias de Vossler e Eisenberg. Esta pequena biografia cita Vossler como “um intelectual conservador que cultivava a (auto) imagem de um homem das letras supra político”⁹, mencionando feitos do filólogo como seu posicionamento em meio a luta contra o antisemitismo e sua publicação de artigos na mídia sobre o tópico. De modo geral, Maas (2004) argumenta que Vossler possuía

⁹ “He was a conservative intellectual who cultivated the (self-)image of a supra-political homme-de-lettre” (MAAS, 2004).

ideais antifascistas e acreditava que a dominância do pensamento burguês, especialmente os ideais racistas embaralhados em meio a estes pensamentos, seriam a maior ameaça social dos anos 1920, tendo assim falado e escrito publicamente contra estes ideais.

O posicionamento de Vossler contra o antisemitismo toma uma dimensão ainda mais significante quando colocada na perspectiva de sua época, segundo Mass (2004), seu posicionamento foi uma exceção em meio aos professores universitários da época, tendo sido ativo na *Associação para a defesa contra o antisemitismo*¹⁰. Além disso, é possível apontar como Vossler não era apenas um defensor dos ideais antisemitas e antifascistas na esfera conceitual, tendo tido também diversas atitudes práticas de amparo à perseguidos pelo regime nazista. Entre estas podemos citar o já abordado exemplo de Eisenberg, que realizou sua primeira fuga para Paris em 1941 ainda antes da guerra graças ao apoio de Vossler e de sua rede de conexões. Mass (2004) cita ainda outros atos de amparo de Vossler para com outros de seus alunos perseguidos pelo regime, tais como Werner Rudolf Krauss¹¹, perseguido político que foi sentenciado a morte e conseguiu escapar deste destino em parte graças a iniciativas privadas organizadas por Vossler, e Leo Spitzer¹², acadêmico linguista extremamente reconhecido em sua área que, assim como Eisenberg, teve sua carreira interrompida devido a perseguições raciais devido a sua ascendência judia e foi financeiramente amparado por Vossler em 1933, enquanto estava à procura de uma vaga no exterior. É exatamente este conjunto de posicionamentos e feitos de oposição ao nazifascismo e ao antisemitismo que, segundo Mass (2004), justifica a inclusão do filólogo em meio ao mapeamento de linguistas perseguidos, apesar de ele não ter sido de fato exilado.

Apesar das inúmeras atitudes com cunho antifascistas tomadas por Vossler ao longo de sua trajetória acadêmica, para os fins desta pesquisa torna-se interessante a

¹⁰ Em Alemão *The Verein zur Abwehr des Antisemitismus*, um pouco mais sobre a história da organização pode ser lida no artigo *The Verein zur Abwehr des Antisemitismus (II) From the First World War to its Dissolution in 1933* de Barbara Suchy, disponível em:

<https://academic.oup.com/leobaech/article-abstract/30/1/67/937673?redirectedFrom=fulltext>

¹¹ Um verbete sobre Krauss redigido por Mass pode ser encontrado em:

<https://zflprojekte.de/sprachforscher-im-exil/index.php/module-styles/k/291-krauss-werner-rudolf>

¹² Um verbete sobre Spitzer redigido por Mass, pode ser encontrado em:

<https://zflprojekte.de/sprachforscher-im-exil/index.php/katalog-m-z/s/440-spitzer-leo-siegfried>

investigação de uma em específico: seu papel na introdução de Eisenberg à uma rede de apoio de intelectuais antifascistas que viabilizou sua fuga inicial da Alemanha. A relação intelectual forjada entre Eisenberg e Vossler sem dúvidas foi essencial à carreira da filóloga, que a partir de seu orientador passou a circular em ciclos frequentados por linguistas extremamente reconhecidos em sua área. Em uma de suas obras autobiográficas Eisenberg relata em diversos momentos a importância do papel que Vossler exerceu em sua carreira, como no trecho em que descreve o tempo que passou como assistente de pesquisa do filólogo Menéndez Pidal em Paris:

“Devo também esse retorno temporário à filologia romântica a Karl Vossler, que era amigo e admirador de Menéndez Pidal – ou Don Ramón, como era comumente chamado. Dom Ramón me indicou os problemas que lhe interessavam, bem como alguns livros ou artigos que eu deveria consultar.” (Eisenberg-Bach, 1986, p.62)¹³

O reconhecimento de Vossler e de seus contatos em meio a ciclos de intelectuais da área da linguística era tamanho que em certo momento Eisenberg relata como suas cartas de recomendação dadas a ela foram reconhecidas até mesmo em seu exílio no Brasil,

“Trouxe comigo três cartas de recomendação ao mais famoso filólogo brasileiro, Antenor Nascentes, de luminares dos estudos românicos: Karl Vossler, Ramón Menéndez Pidal e Leo Spitzer. Nascentes ficou muito impressionado e foi muito gentil comigo, mas não conseguiu me arranjar um emprego.” (Bach, 1991, p.88)¹⁴

Nesse sentido, analisando a trajetória intelectual traçada por Eisenberg antes de seu exílio, é possível apontar como tudo indicava que a filóloga teria a oportunidade de seguir uma carreira acadêmica que pode ser considerada “clássica”, assim como Vossler, oportunidade que lhe foi brutalmente arrancada devido as políticas antisemitas de perseguição do Reich e por seu exílio.

¹³ “Auch diese meine vorübergehende Rückkehr zur romanischen Philologie verdanke ich Karl Vossler, der ein Freund und Bewunderer von Menéndez Pidal - oder Don Ramón, wie er allgemein genannt wurde - war. Don Ramón gab mir die Probleme an, für die er sich jeweils interessierte, sowie einen Teil der Bücher oder Aufsätze, die ich zu konsultieren hatte” (Eisenberg-Bach, 1986, p.62)

¹⁴ “Ich brachte drei Empfehlungsbriefe an den bekanntesten brasilianischen Philologen, Antenor Nascentes, mit und zwar von Koryphäen der Romanistik: Karl Vossler, Ramón Menéndez Pidal und Leo Spitzer. Nascentes war davon sehr beeindruckt und war sehr nett zu mir, aber eine Stellung konnte er mir nicht verschaffen.” (Bach, 1991, p.88)

Contudo, gostaria de apontar também como apesar da carreira acadêmica tradicional traçada por Vossler, Maas (2004) aponta o fato de que o filólogo também vivenciou uma experiência de interrupção desta devido a conflitos externos. Vossler lutou na linha de frente da primeira guerra mundial, tendo experienciado assim o trauma da guerra apenas alguns anos após se tornar professor de Filologia Romântica na universidade de Munique. Nesse sentido, é possível argumentar como o posicionamento de amparo demonstrado por Vossler a seus alunos perseguidos pelo Reich iria além de seus ideais antifascistas, de forma que a experiência de interrupção vivenciada pelo filólogo ainda em um momento inicial de sua carreira pode ter causado significativo impacto em seu posicionamento quanto a estes. Nesse panorama, o incentivo dado a Eisenberg por Vossler para sua saída da Alemanha, dada as tensões políticas daquilo que viria a se tornar inevitavelmente uma guerra, toma uma dimensão ainda mais profunda. A ajuda de Vossler viria da perspectiva de alguém que sabia a dor que Eisenberg e que muitos outros, assim como ele, experienciariam ao ter suas carreiras violentamente interrompidas pela guerra.

1.3 A Livreira: Eugénie Droz

Eugénie Droz nasceu no dia 21 de março de 1893, na cidade de Neuchâtel na Suíça. Ela foi uma acadêmica e livreira extremamente reconhecida em sua área de atuação, tendo como um de seus feitos mais estimados a fundação da *Maison Droz*, livraria e casa editorial que ao longo dos anos se tornou referência no tópico de estudos românicos (Monfrin, 1977). Sua formação como intelectual iniciou-se na universidade de Neuchâtel, onde foi treinada por Arthur Piaget, historiador suíço reconhecido por seu trabalho na área de estudos românicos e pai do reconhecido psicólogo Jean Piaget. (Meylan, 1977. de Tribolet, 2007) Assim, sob a supervisão de Piaget, Droz obteve seu diploma em letras medievais, se mudando para Paris no ano de 1916, onde aperfeiçoou sua formação como filóloga através de cursos na *École des Hautes Études*, na qual se graduou em 1924. (Parada, 2024)

No mesmo ano desta formação, Eugénie Droz fundaria a *Maison Droz*¹⁵ ou *Librairie Droz*, visto que o estabelecimento funcionava ao mesmo tempo como livraria e casa editorial. É através da *Maison Droz* que a trajetória desta reconhecida acadêmica viria a se cruzar com a de Eisenberg no ano de 1933, quando a filóloga passou por um treinamento como livreira na *Maison Droz*. Além deste significativo encontro, Eisenberg e Droz possuem alguns fatores comuns que podem passar despercebidos sob um olhar menos atento, mas que podem levantar uma discussão interessante acerca da relação acadêmica forjada entre as duas e suas consequências ao longo da vida de Eisenberg, especialmente tendo em mente a importância que o treinamento na *Maison Droz* viria a ter no estabelecimento de Susanne como intelectual e livreira de excelência durante seu exílio no Brasil. Sobre este ponto, Eisenberg escreve em uma de suas obras

“Os clientes para quem enviei esta primeira pequena lista em 1954 eram várias grandes bibliotecas na Europa e nos Estados Unidos, cujos nomes e localizações eu ainda conhecia do meu trabalho com Mademoiselle Droz em Paris.” (Bach, 1991, p.99)

Nesse sentido, podemos entender como não apenas o treinamento adquirido por Eisenberg na *Maison Droz* teve uma importância crucial para o estabelecimento de seu negócio no Brasil, como também os contatos adquiridos através de seu tempo de trabalho com Eugénie Droz foram essenciais para tal feito.

Além disso, podemos apontar como uma das conexões mais pertinentes entre estas figuras o fato de que ambas eram intelectuais especializadas em estudos românicos, sendo Eugénie Droz, segundo Parada (2024) uma erudita com uma posição importante dentro do campo dos estudos sobre as culturas românicas europeias do humanismo, campo no qual Eisenberg também havia se especializado. Além disso, há também aquela que talvez possa ser lida como a conexão mais direta entre as duas: sua relação com Karl Vossler. Segundo Parada, (2024) Vossler e Droz não apenas se conheciam como também mantinham contatos acadêmicos e sociais. Visto isso, analisando o fato de que Eisenberg obteve seu doutorado em estudos românicos sob a orientação de Vossler e em seguida foi encaminhada para um treinamento na *Maison*

¹⁵ Uma reportagem comemorativa ao centenário da livraria com mais detalhes sobre sua fundação foi publicada no jornal *Tribune de Géneve* em 2024 e pode ser encontrada em: <https://www.tdg.ch/une-gabrielle-chanel-de-ledition-erudite-en-1924-eugenie-droz-ouvre-sa-maison-dedition-952666747823>

droz, torna-se seguro afirmar que o ponto de contato de ambas as mulheres com Vossler que possibilitou o encaminhamento de Eisenberg para sua experiência como livreira com Eugénie Droz.

Conexões um pouco menos óbvias também unem estas figuras, como o fato de que ambas nasceram em meio ao mundo editorial. Droz era filha de um reconhecido editor na casa editorial *Chaux-de-Fonds* (Meylan, 1977) e Eisenberg filha do gerente de uma casa de impressão de arte (Parada, 2024). Nesse sentido, ambas as mulheres tiveram sua formação pessoal primária em meio a núcleos familiares conectados ao mundo editorial e a publicações, fossem estas relacionadas a literatura ou a arte, possuindo desde cedo em sua vida meios pelos quais poderiam acessar a esfera intelectual na qual seriam eventualmente ativas. Além disso, torna-se necessário apontar o fator comum que talvez as conecte de forma mais primária, o fato de que ambas eram mulheres intelectuais em meio a um campo acadêmico vastamente masculino. Parada (2024) levanta este ponto ao afirmar como Droz era uma das poucas mulheres a ocupar uma posição relevante em um campo claramente masculino, argumentando também como o acolhimento de Eisenberg no círculo de livreiros, editores e intelectuais especializados na história do Renascimento se baseia tanto em aspectos pautados pela proximidade intelectual e posicionamentos políticos antifascistas como em questões pautadas por relações de gênero, visto que as duas eram algumas das pouquíssimas figuras femininas intelectuais em sua área de estudo.

1.4 A Amiga: Dana Becher

Em seu livro de memórias Eisenberg se refere a Dana Becher como sua amiga em múltiplos momentos, (Bach, 1991, p.86, p. 87, p.104, p.113, p.118) afirmando que foi através de sua relação amigável com ela que conseguiu se juntar ao grupo de refugiados que viria a conseguir um visto brasileiro conhecido como Grupo Görgen (Parada, 2024). Dana Becher era filha de Alexander Roda, escritor modernista austro-húngaro que construiu uma carreira de destaque não apenas no campo das Letras, mas também no teatro e no cinema de língua alemã durante o século XX, e Elsbeth Anna Freifrau von Zeppelin, descendente de família aristocrática com bons recursos financeiros que viriam a ser decisivos na posição ocupada por Dana Becher e seu

marido, Ulrich Becher, em meio ao grupo de refugiados organizado por Görgen. (Beloch, 2021; Parada, 2024) Segundo Parada (2024), o capital político e econômico de Dana e dos membros de sua família que emigraram para o Brasil via Grupo Görgen, sendo estes de seu marido Ulrich e seus sogros, Richard e Elise Becher, foi o fator principal que permitiu a negociação e inclusão de outros nomes além no empreendimento de fuga para o Brasil, incluindo assim o de Eisenberg.

Parada (2024) descreve Becher como uma “mulher imersa no ambiente intelectual e exilados alemães antifascistas”, contudo, apesar da percepção clara de sua circulação em meio a este ambiente intelectual as fontes de pesquisa que colocam Dana como um sujeito principal são extremamente raras. Em seu artigo *Birds of Passage are also Women*, (1984) publicado na edição especial sobre mulheres migrantes do *International Migration Review*, a autora Mirjana Morokvasic reconhece a negligência para com a questão feminina em meio ao campo de pesquisa sobre migrações. A autora argumenta como muitas vezes o fenômeno da migração é tratado como uma área unicamente masculina, colocando a migração do ser feminino em segundo plano e considerando-o apenas como adjacente ou dependente da migração primária de um homem. Esta perspectiva abordada por Morokvasic sobre mulheres migrantes pode ser reconhecida nas incontáveis descrições que referenciam Dana Becher apenas como “a esposa de Ulrich Becher” ou “a filha de Alexander Roda”. Em seu artigo *Arquivo e Melancolia: Susanne Eisenberg Bach e sua trajetória exilar no Brasil*, Parada faz uma primeira tentativa em conceder protagonismo a esta figura que muitas vezes me parece apenas como uma sombra em meio a trajetória de seu pai e de seu marido.

Apesar da existência de correspondências redigidas por Dana Becher na biblioteca nacional alemã, inclusive algumas endereçadas a Eisenberg, seu acesso é extremamente limitado e só pode ser feito de forma física ou através de salas dedicadas a consulta online disponíveis apenas através de universidades alemãs. Uma das poucas cartas escritas por ela a qual tive acesso foi enviada do Rio de Janeiro e é endereçada a

seus pais, que estavam na época no exílio em Nova York, e pode ser encontrada na mostra online sobre Ulrich Becher no site *Arts in Exile*¹⁶.

Assim, podemos entender como o acesso a materiais escritos por Dana Becher tornam-se de dificílimo acesso, restando-nos assim recorrer ao artifício da criatividade em uma análise mais atenta sobre fatos já conhecidos sobre a sua pessoa, como sua criação em uma família de intelectuais e artistas durante o período da república de Weimar e sua circulação em círculos de eruditos extremamente reconhecidos em suas áreas, que teve como consequência também seu casamento com Ulrich Becher. Além de claro, o papel decisivo de sua amizade na trajetória de fuga de Eisenberg.

Carneiro (2018) se refere a Eisenberg como colega de colégio de Dana Roda Becher, e este título faz ainda mais sentido ao pensarmos que as duas compartilham o mesmo ano e local de nascimento, Munique no ano de 1909, além de serem citadas como amigas por diversos dos verbetes que narram a trajetória de Eisenberg e da já citada existência de correspondências entre as duas. Ambas as mulheres vieram ao mundo apenas cerca de dez anos antes do nascimento da República de Weimar, que viria a ser proclamada no dia 9 de novembro de 1918. (Gay, 1978) Em seu livro *A Cultura de Weimar*, Peter Gay descreve este período da história alemã relacionando-o ao “modernismo em arte, literatura e pensamento” (p.11), colocando-o como o epicentro de uma nova cultura efervescente em termos de criatividade e experimentações. Algumas das figuras que rodearam a vida de Dana são capazes de ilustrar bem a exaltada vida cultural de Weimar, entre elas podemos citar seu marido, Ulrich Becher.

Ulrich Becher foi autor mais jovem a ter seus livros proibidos e queimados pelo Terceiro Reich, com apenas seus 23 anos no ano de 1933. (Parada, 2024) Devido a sua perseguição pelo Reich foi obrigado a migrar para Viena, onde se casou então com Dana Becher. (Santos, 2024) A partir deste ponto as jornadas de Dana e Ulrich passam a acontecer de forma paralela e o casal embarca em uma série de fugas, primeiramente

¹⁶ Mostra online *Kuenste im Exil* ou *Arts in Exile*, disponível no link: <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/EN/SpecialExhibitions/UlrichBecher-en/Objects/04-exile-in-brazil/brasilien.html>

para a Suíça, onde permanecem até o ano de 1940, segundamente para o Brasil, onde ficam entre 1941 e 1944. (Santos, 2024) Por fim, após sua estadia nos trópicos, embarcam para os Estados Unidos, o destino final que foi sempre pretendido por Dana, que desde o princípio de seu exílio desejava reunir-se a seus pais em Nova Iorque. O escritor ficou conhecido no âmbito da literatura de exílio alemã pela sua unanimidade no uso de elementos da cultura afro-brasileira como o samba, o carnaval e a macumba em suas peças, utilizando-os inclusive para exercer críticas ao comportamento do ditador Alemão Adolf Hitler (Eckl, 2011). Assim, ele se tornou um dos expoentes de Weimar a qual Gay (1978) se refere como “a maior coleção de intelectuais, talentos e sábios transplantados que o mundo jamais viu” (p.11), tendo feito assim parte, junto de Dana Becher, Susanne Eisenberg e incontáveis outros, do grupo de exilados que exportaram a cultura da República de Weimar para todo o mundo.

1.5 O amigo do Brasil: Hermann Görgen

Hermann Mathias Görgen foi um historiador e filósofo alemão proveniente da região do Sarre e exilado no Brasil a partir do ano de 1941. Durante muito tempo foi reconhecido devido a sua mediação nas relações culturais entre Brasil e Alemanha, tendo ocupado a presidência da Sociedade Teuto-Brasileira e sendo encarregado também do departamento de Imprensa e Informações para Assuntos Especiais da América Latina do governo federal da Alemanha e editor dos *Cadernos Germano-Brasileiros*. (Carneiro, 2018; Parada, 2024)

“Hermann Matthias Görgen, amigo do Brasil”, é assim que Maria José de Queiroz descreve Görgen em seu livro *Os Males da Ausência ou a Literatura do Exílio*, (1998) onde trata da figura de Görgen como um verdadeiro devoto a divulgação do país tropical na Europa após seu retorno do exílio no ano de 1954. Em contrapartida, podemos pensar a ressignificação deste título comumente atribuído a Görgen em meio a narrativa exilar de Eisenberg, onde sua figura é a do principal responsável por arquitetar o plano de fuga para o grupo de intelectuais judeus e católicos opositores ao regime fascista alemão (Parada, 2024) do qual Eisenberg fez parte e que levou a autora e filóloga ao destino final de suas muitas fugas: o Brasil.

A empreitada que resultou na fuga do grupo que mais tarde viria a ser conhecido como Grupo Görgen¹⁷ consistiu em uma série de consecutivas ações extremamente elaboradas a fim de resultar naquilo que parecia impossível para a época em que se deu: a fuga de 48 refugiados do Reich, dentre eles muitos intelectuais judeus, como no caso de Eisenberg, e opositores católicos do regime fascista alemão, como no caso do próprio Görgen, (Parada, 2024. Facchinetti, 2023) e sua chegada a um Brasil no auge do Estado Novo. Os detalhes desta série de ações improváveis são narrados por Görgen em seu inacabado livro *Uma Vida Contra Hitler* (1999), onde narra o processo de negociação de vistos com diversas embaixadas e autoridades consulares, incluindo o representante do Brasil da na liga das nações, Milton César Weguelin de Vieira. É neste ponto de sua trajetória que somos apresentados também a história da INTEC, uma fábrica de equipamentos eletromédicos fundada por Görgen e que viria a ter sua sede na cidade de Juiz de Fora, em Minas Gerais. Segundo Facchinetti (2023), a INTEC, também conhecida como a fábrica de Juiz de Fora, teve um papel crucial em meio a negociação de vistos permanentes com o governo Brasileiro, dado as políticas de imigração antisemitas impostas pelo Estado Novo na época. A autora traz atenção para uma brecha em meio a política de imigração brasileira constada na Circular 1.127 do ano de 1937, (Facchinetti, 2023) que permitiria vistos de entrada no país para *não-arianos*, desde que estes “fizessem parte de uma excursão em grupo e contassem com um guia certificado”¹⁸, além da possibilidade de conceder vistos permanentes para pessoas com uma notável proeminência cultural, política e social, ou, até mesmo, o chamado “visto capitalista”, através do qual um refugiado poderia conseguir um visto através do depósito de um certo valor no Banco do Brasil. A autora coloca a última possibilidade como a mais provável de ter possibilitado a entrada dos indivíduos do Grupo de Görgen e aponta ainda como o estabelecimento da INTEC foi considerado

¹⁷ Segundo Carneiro (2018) o nome “*Die Gruppen Görgen*” foi utilizado pela primeira vez em 1994, quando Christine Hohnschopp e Frank Wend inseriram a história do grupo na exposição *Exil in Brasilien: die deutschsprachige Emigration 1933-1945* (Exílio no Brasil: emigração de língua alemã de 1933 a 1945) organizada pela *Deutschen Biblioteck* de Frankfurt.

¹⁸ “However, there was a loophole in Circular 1.127, from 1937, that allowed entry visas for non-Aryans qualified as group excursion with a certified guide” (Facchinetti, Cristiana et al, 2023, p.158)

interessante pelo Governo Vargas, dado o processo de industrialização que estava ocorrendo no país.

Contudo, o empreendimento no Brasil necessitaria de um custo elevado, segundo Parada, (2024) o governo brasileiro exigia o aporte de cerca de 20.000 dólares para considerar a possibilidade de autorização da instalação da fábrica, sendo que a maioria dos refugiados do grupo não possuíam capital o suficiente para contribuir de forma relevante a este valor. Assim, segundo o próprio Görgen, (1999) a fábrica teria sido fundada com o apoio financeiro do intelectual Friedrich Wilhelm Foerster, professor e amigo pessoal de Görgen. Foerster foi um filósofo alemão nascido no ano de 1869, ele foi um dos grandes inimigos do nacional-socialismo e teve seus livros queimados publicamente em Berlim no ano de 1933 (Carneiro, 2018). Segundo Görgen (1999, p.48) ele teria formulado, ainda em 1920, um programa para uma Alemanha antinacionalista, onde indicava pela necessidade da superação do nacionalismo em prol de uma Alemanha que garantiria a segurança de diferentes grupos dentro de sua nação, alertando ainda para o perigo de que a Alemanha se tornasse um palco de guerra em meio a Europa. Foerster foi uma figura de grande impacto na vida de Görgen, que o descreve como a pessoa que mais marcou sua vida, (Görgen, 1999, p.43) dedicando um capítulo inteiro em seu livro de memórias em homenagem ao professor. Além do apoio financeiro concedido por Foerster na fundação da INTEC, Görgen cita sua figura diversas vezes durante seu livro referindo-se a seu poder de influência e sua rede de conexões, (Görgen, 1999, p.66, p.91, p.112) desde sua fuga inicial para a Áustria possibilitada através das conexões de Foerster com o príncipe-arcebispo de Salzburgo até a emissão de passaportes tchecos para os refugiados do grupo Görgen através da relação de Foerster com o fundador da Checoslováquia, Tomás Masaryk. Sua relação com Foerster insere Görgen dentro de uma rede de apoio de intelectuais ainda maior do que a viria que estabelecer através de sua empreitada nos trópicos, ampliando assim ainda mais dimensão de organização destas redes de intelectuais antifascistas.

Através da escrita memorialística de Görgen podemos entender um pouco do clima de desespero geral em meio aqueles que sofriam com as perseguições políticas do nacional-socialismo em meio a uma Alemanha que via o crescimento constante

deste movimento, fossem estes católicos antifascistas ou judeus. E é no campo da escrita memorialística que podemos analisar mais uma conexão entre Görgen e Eisenberg, visto que ambos publicaram suas memórias de fuga e exílio na literatura. Parada (2024) mobiliza esta conexão entre os dois ao colocar ambos como intelectuais de formação que procuraram interferir na memória de seu exílio, afirmando como seus trabalhos permitem uma análise das redes de oposição ao fascismo articuladas por judeus, católicos e protestantes. Nesse sentido, torna-se necessário uma análise mais profunda das obras autobiográficas escritas por Eisenberg ao longo de sua trajetória exilar.

Capítulo II - “O amor ao Livro nos Une”: Uma análise das Obras e das estratégias para continuidade intelectual

2.1 A linha tênue entre o Romance e a Autobiografia

No decorrer do que podem ser considerados seus primeiros anos de exílio no Brasil, que teve início em 1941, Eisenberg publicou seu primeiro livro intitulado de *A la recherche du monde perdu* (Eisenberg, 1944). Um exemplar desta primeira publicação, datada do ano de 1944 e publicada pela editora *Centro das edições francesas Ltda* sob o pseudônimo de Susi Eisenberg pode ser encontrado na Biblioteca Nacional, localizada na cidade do Rio de Janeiro. Este primeiro vislumbre que podemos obter da obra de Eisenberg, apesar de iniciar-se ainda em sua infância em Munique, insere o leitor desde suas primeiras palavras em uma narrativa que já tem um destino final exposto, sendo este o Brasil. As primeiras frases da obra nos permitem ilustrar de forma concisa esta colocação:

Eu sempre fui uma pessoa bem organizada – exceto aos três ou quatro anos, quando era um diabinho com grandes olhos pretos e tranças marrons, curtas e retas, terminadas com laços coloridos, e eu nunca fiz nada particularmente original. Quem imaginaria que um dia eu estaria no Brasil, com uma garotinha que, por enquanto, pertence somente a mim, e que eu começaria a escrever um livro?¹⁹ (Eisenberg, 1944, p.5)

No artigo “*L'autobiographie française de Susanne Bach: des stratégies pour raconter la Shoah entre le Varguisme et le Nazifascisme*” Karina Carvalho de Matos Marques (2024) analisa o que chama de uma “autotradução francesa” desta primeira espécie de autobiografia escrita por Eisenberg. Este termo é utilizado pela autora tendo em vista que, segundo uma entrevista dada por Eisenberg à revista alemã *ila-Das Lateinamerika-Magazin*²⁰, esta primeira versão publicada em francês foi traduzida de um manuscrito alemão. Segundo Marques, (2024) a escolha do francês

¹⁹ “J'ai toujours été une personne bien ordonnée – sauf à l'âge de trois ou quatre ans où j'étais un petit diable aux grands yeux noirs et à tresses brunes, raides et courtes, terminées par des noeuds de couleurs vives, et je n'ai jamais rien fait de particulièrement original. Qui donc aurait pensé que je me trouverais un jour au Brésil, avec une petite fille qui, pour le moment, n'appartient qu'à moi seule, et que je me mettrais à écrire un bouquin?”

²⁰ A entrevista citada foi conduzida por Gert Eisenbürger em dezembro do ano de 1991 e encontra-se disponível através do link: <https://www.ila-web.de/ausgaben/152/mir-ist-das-nie-als-etwas-besonderes-vorgekommen>

como a língua desta primeira publicação parece ter se dado devido as políticas de controle linguístico exercidas pelo Estado Novo. A autora pauta seu argumento no Decreto-Lei n.º 1545 de 25 de agosto de 1939, publicado cinco anos antes do livro de Eisenberg e que proibiu o ensino e a publicação de periódicos em línguas estrangeiras, assim como no aumento do controle do governo brasileiro sob obras escritas em alemão após o início da Segunda Guerra Mundial e o subsequente posicionamento do Brasil do lado dos Aliados. Souza e Barbosa (2023) abordam esta questão em seu artigo sobre a política linguística na Era Vargas, abordando as diferentes formas de repressão sofridas pela língua alemã em meio ao projeto de nacionalização em vigor neste período e as consequências que trouxeram para as práticas sociais e culturais dos imigrantes alemães.

Mais tarde, o manuscrito em alemão desta primeira publicação brasileira em língua francesa de *À la recherche du monde perdu* viria a ser incorporado como a primeira parte da última autobiografia da autora, intitulada *Karussell: Von München nach München* (1991). Em um trecho da entrevista concedida por Eisenberg em 1991, a autora explica a conexão entre estas duas publicações:

O livro “*Karussell - Von München nach München*” consiste em duas partes. A primeira é o meu livro “*Heinweh nach Frankreich*”. Eu o escrevi no Rio em 1943, e foi publicado lá - em francês. Faz parte da literatura de exílio. A segunda parte, que eu escrevi após o meu retorno a Munique, é uma continuação, porque eu pensei que as pessoas gostariam de saber o que aconteceu depois. (EISENBÜRGER, 1992)²¹

Quando se refere ao livro *Heinweh nach Frankreich*, a autora parece se referir na verdade ao título original do manuscrito em alemão que nunca foi revelado ao público e que mais tarde seria traduzido e publicado sob o nome de *A la recherche du monde perdu*, segundo Marques (2024), “é interessante notar que o título do manuscrito, escrito em alemão, não corresponde ao da obra publicada em francês”.

Enquanto a primeira publicação de Eisenberg encontra sua finalização na partida da narradora para o Brasil, mas não na sua chegada efetiva a este, *Karussell*

²¹ “Das Buch „Karussell – Von München nach München“ besteht ja aus zwei Teilen. Der erste ist mein Buch „Heinweh nach Frankreich“. Das habe ich 1943 in Rio geschrieben und das ist dort auch – auf französisch – erschienen. Das gehört zur Exilliteratur. Der zweite Teil, den ich nach meiner Rückkehr nach München geschrieben habe, ist eben die Fortsetzung, weil ich mir gedacht habe, man möchte doch wissen, wie es weitergeht.” (EISENBÜRGER, 1992)

aborda mais a fundo a vida de Eisenberg durante seu exílio, incluindo sua intensa circulação entre ciclos de intelectuais e estudiosos no Brasil. Apesar de ambas as obras terem grande parte de seu corpo de texto constituído a partir do que para um olho não treinado pode parecer ser um mesmo manuscrito, suas apresentações ao público se deram de maneiras extremamente divergentes.

Nesse sentido, podemos analisar em um primeiro plano os aspectos visuais trazidos pelas capas de ambas as obras, pensando na efetividade que a capa de um livro é capaz de ter como a primeira introdução de um leitor a obra. A primeira publicação de Eisenberg, *À la recherche du monde perdu*, possui uma capa ilustrada pelo desenho de um gato preto sentado em uma janela, observando uma vista que pode ser facilmente identificada como Paris devido a icônica imagem da Catedral de Notre Dame. Torna-se possível assim assumir que o livro procura trazer desde seu aspecto visual uma inclinação ao gênero romântico e portanto, ficcional. (Marques, 2024) A partir da mensagem transmitida por esta capa seria praticamente impossível para um leitor no ano de 1944, data de publicação da obra, imaginar que em seu interior seriam descritas cenas vividas em um campo de concentração. Para além disso, Marques (2024) argumenta como a cobertura do lançamento do livro no *Jornal leitura* do Rio de Janeiro, publicado em junho de 1944, contribuiu para a percepção pública da obra sob uma imagem “puramente literária e intimista”, praticamente ignorando o caráter testemunhal do livro e dando ênfase ao aspecto saudoso e amoroso que a narradora demonstra por Paris: “Você soube expressar, como raramente se faz, o encanto irresistível e único de sua vida parisiense”. (Marques, 2024 Apud Osório, 1944) A autora ressalta ainda que tanto o autor desta crítica sobre a obra, Miguel Osório de Almeida, quanto o proprietário da Editora *Centro de Edições Francesas*, que foi a editora responsável pela publicação do livro, eram ambos associados ao movimento *França Livre*²². Este fator fortalece ainda mais o argumento de que a publicação desta obra com caráter de denúncia ao fascismo e ao governo colaboracionista francês foi

²² Segundo Guebert, (2021): “o próprio movimento (França Livre), que era uma das formas de oposição e de resistência ao Regime de Vichy, que se instaurou na França, em colaboração com os nazistas, a partir de 1940. O movimento, que se institucionalizou ao longo do período da Segunda Guerra Mundial, e cujas dinâmicas então articuladas globalmente, ainda foram muito pouco estudadas a partir do Brasil.”

editada através de uma espécie de “disfarce romântico” propositalmente pensado para permitir a maior circulação da obra no mercado editorial brasileiro. (Marques, 2024)

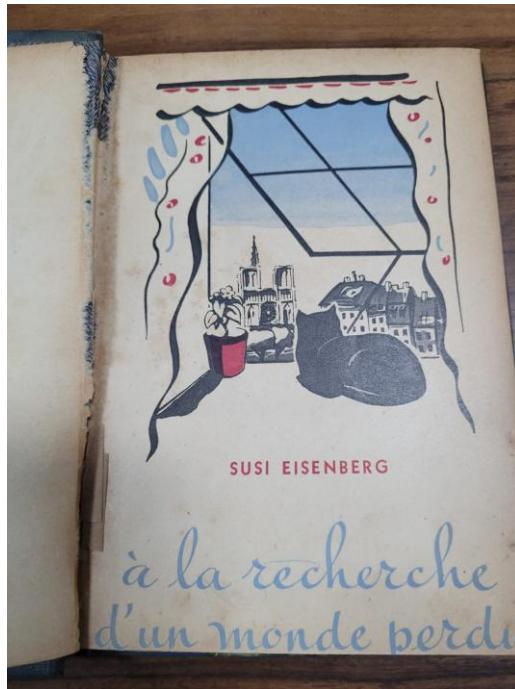


Figura 1: Foto da contracapa da versão de capa dura de *À la recherche du monde perdu* (Eisenberg, 1944)

É importante destacar ainda como nesta primeira publicação em francês de *À la recherche* Eisenberg não utiliza seu nome completo como autora do livro, assumindo no lugar o pseudônimo de “Susi Eisenberg”. Marques (2024) acredita que esta escolha tenha se dado visando o não comprometimento de sua própria segurança ou daqueles que a ajudaram em sua jornada. Além da mudança em seu próprio nome, nesta primeira publicação de sua autobiografia a autora altera também os nomes referentes a duas das principais figuras analisadas previamente no primeiro capítulo desta dissertação, sendo estas Eugénie Droz e Karl Vossler, mostrando assim a importância e o peso que estes indivíduos exerceram sob a sua trajetória.

A segunda publicação autobiográfica de Eisenberg, *Karussell: Von München nach München*, não poderia se diferir mais de *À la recherche* em termos editoriais. Publicada em Nuremberg no ano 1991 pela editora *Frauen in der Einen Welt* sob o nome de Susanne Bach, sobrenome que a autora adotou após o casamento, esta versão,

diferentemente da publicação francesa, não tem como seu destino final o Brasil, permitindo que o leitor acompanhe a trajetória exilar de Eisenberg até sua mudança definitiva de volta a Munique em 1983. Visando ilustrar a história contada na obra e seu caráter autobiográfico, a capa do livro é constituída por um documento de salvo-conduto que contém seu nome de solteira, juntamente com uma fotografia sua e a assinatura do Representante do Brasil na liga das nações Milton Cesar Weguelin de Vieira, que foi uma figura essencial no processo de negociação de vistos comandado por Görgen, como é também apontado por Marques (2024). Enquanto em *À la recherche du monde perdu* a participação de Eisenberg em meio ao Grupo Görgen não é nem sequer mencionada, apenas o documento presente na capa de *Karussell* já seria o suficiente para ligar Eisenberg a esta fuga e as figuras tanto de Görgen quanto de Dana Becher, as duas outras figuras essenciais a trajetória de Eisenberg analisadas previamente.



Figura 2: Capa da publicação de *Karussell: Von München nach München* (Bach, 1991)

Além disso, o livro também conta com um prefácio que expõe brevemente a história de vida de Eisenberg e é repleto de fotos pessoais da autora situadas no Brasil, na Alemanha e na França em suas páginas, como apontado por Marques (2024). É interessante que a escolha de colocação destas fotografias não se dê juntamente as

páginas que descrevem os lugares representados nelas, e sim exatamente na quebra entre a primeira parte do livro, o texto que foi utilizado inicialmente na publicação de *À la recherche*, e da segunda parte deste, publicada posteriormente em *Karussell*. É possível entendermos essa escolha como mais uma das nuances representativas da diferenciação entre esses dois textos, em *À la recherche* Eisenberg estava em uma posição de vulnerabilidade como refugiada e, portanto, não queria revelar traços de sua identidade, enquanto em *Karussell*, além de não estar mais nessa posição vulnerável como autora a literatura de exílio como um todo ganhava cada vez mais espaço em meio a cena mundial. Segundo Marques (2024, p. 341), “O seu segundo livro foi, portanto, publicado num contexto favorável capaz de resgatar essas histórias espalhadas pelo mundo, como parte de ações de preservação do patrimônio e difusão cultural desses textos”²³.

Nesse sentido, fica claro que a diferença imagética apresentada entre os dois livros é evidente, *Karussell* é claramente uma biografia e é apresentado ao mundo desta maneira, faz parte de um contexto em que a difusão de conhecimento sobre trajetórias de exilados e sobreviventes do holocausto não eram só comuns como também populares, tornando-se cada vez mais relevantes em meio a um mundo que se reconstruía no pós-guerra. Eisenberg teve inclusive um papel significativo como intelectual neste contexto, segundo Kestler (2003) ela foi a primeira pesquisadora a colecionar livros produzidos no exílio, tendo iniciado sua coleção ainda no início dos anos 70. (EISENBÜRGER, 1992) Nesse contexto, podemos entender como essa publicação posterior tem um objetivo claro, um propósito com a memória do holocausto em tornar conhecido o testemunho de uma sobrevivente dos campos de concentração nazistas, narrando também sua trajetória improvável ao exílio e os detalhes de sua vida no Brasil. *Karussell* (1991) é, portanto, uma publicação óbvia em meio a seu contexto cultural.

O mesmo não pode ser dito, pelo menos não através de uma análise meramente superficial, de seu correlativo *À la recherche du monde perdu* (1944). Este livro

²³ “Son deuxième livre voit donc le jour dans un contexte favorable pour la récupération de ces récits éparpillés de par le monde, dans le cadre des actions de préservation patrimoniale et de diffusion culturelle de ces textes” (Marques, 2024, p.341)

inaugural da carreira literária de Eisenberg foi capaz de burlar a censura do Estado Novo e encontrar caminhos para sua publicação através de uma apresentação externa que aparentou ser inofensiva aos ideais antisemitas deste governo. Assim, torna-se um ponto fora da curva em seu contexto cultural, permitindo que uma obra que narra a história de uma mulher judia, exilada e sobrevivente dos campos de concentração circulasse no Brasil ainda durante a extensão do governo do terceiro Reich na Europa. É possível argumentar que esta obra, mesmo que publicada sob um pseudônimo, colocou em risco a autora em meio a seu contexto de publicação devido a escolha de manter seu sobrenome na autoria do livro. Em paralelo, podemos analisar também esta escolha como a materialização da necessidade de Eisenberg em tomar a frente de sua própria narrativa, visto que sua obra traz em si uma exibição de memórias que revelam diversas manifestações dos deslocamentos forçados vivenciados pela autora. Esta sensação de desprovimento de controle sob o curso de sua trajetória pode ser identificada em vários trechos da narração de Eisenberg, dentre eles:

Minha decisão estava tomada: eu não sairia do meu quinto andar, e até disse a mim mesma que se eles bombardeassem Paris, eles só teriam que mirar na *Préfecture* ou no Palácio da Justiça, e então tudo estaria acabado para mim de qualquer maneira, e tanto melhor! Eu acreditava que pelo menos tinha o direito de escolher onde queria morrer. Nunca pensei que até isso me seria negado. (Eisenberg, 1944, p.70)²⁴

Neste sentido, é plausível constatar como tanto a publicação do primeiro livro da autora quanto a decisão de manter, mesmo que parcialmente, a sua identidade associada a estas ambas como ferramentas para reconquistar parte do controle sob sua vida que a foi tão negado durante os anos narrados nesta obra.

Dessa maneira, podemos identificar Eisenberg como uma das poucas figuras que ainda durante o decorrer da guerra teve em si a coragem de escrever e publicar uma obra com caráter de denúncia aos horrores vivenciados por ela devido aos desdobramentos do regime fascista na Alemanha. Assim, é possível perceber como este primeiro livro de Eisenberg possuía múltiplas nuances além do que pode parecer óbvio

²⁴ “Mein Entschluß war gefaßt: Ich würde meinen fünften Stock nicht verlassen und ich sagte mir sogar, wenn sie Paris bombardieren sollten, so brauchen sie nur auf die *Préfecture* oder den Justizpalast zu zielen und dann wäre sowieso für mich alles aus, und um so besser! Ich glaubte wenigstens das Recht zu haben, mir auszusuchen, wo ich sterben wollte. Ich hätte nie gedacht, daß mir sogar dies versagt sein würde.”

em sua publicação, podendo ser analisada também como uma tentativa em dar certa continuidade a sua carreira como intelectual interrompida brutalmente pela experiência do exílio, inserindo-se assim no gênero testemunhal como parte da memória do holocausto, tópicos que serão abordados mais a fundo nos subcapítulos seguintes.

2.2 A Narradora e a Narração: Uma análise pela perspectiva do testemunho

Em seu texto *Narrar o trauma: A questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, Seligmann-Silva (2009) caracteriza o testemunho como uma atividade elementar a indivíduos que tenham sobrevivido situações radicais de violência, citando entre esses especificamente aqueles que experienciaram a violência dos campos de concentração. Assim, o autor afirma como a vivência dessa situação traumática desencadearia no indivíduo a necessidade visceral de narrar (Seligmann-Silva, 2009). Em paralelo, Scarpelli (2008) caracteriza o testemunho como um novo gênero literário capaz de traduzir a modernidade e que diz respeito a relação entre literatura, violência e trauma. A autora faz uso das palavras de Feldman (2000) ao definir o tempo atual como a “era do testemunho”, afirmando como este gênero se tornou central e onipresente após a segunda guerra. A partir da caracterização do gênero testemunhal moldada por estes autores, podemos entender a possibilidade de localizar as obras literárias de Eisenberg dentro da perspectiva do gênero testemunhal e analisá-las em meio aos eventos traumáticos vivenciados pela autora.

Seligmann-Silva (2009) define a experiência do trauma como caracterizada por uma memória de um passado que não passa, que está sempre assombrando o tempo presente e, no caso da narrativa constituída por Eisenberg, até mesmo o tempo passado, assombrando e pairando sob os acontecimentos vividos pela autora até mesmo antes de sua internação em Gürs e sua fuga para o exílio. Em sua análise da obra de Eisenberg através da perspectiva autobiográfica, Marques (2024) aponta como a narrativa criada pela autora, que se inicia ainda em sua infância e trilha todo o percurso antes de seu exílio é constantemente interrompida, e pode-se dizer até mesmo assombrada, pelo ressurgimento de recordações traumáticas dos acontecimentos que ocorreram em sua vida. Marques descreve este fenômeno como um peso que paira sob a narração de

Eisenberg, de certa forma enfraquecendo a fluidez de sua escrita e associando sua narração a dois impulsos quase que opostos, um primeiro relacionado a boas lembranças de sua juventude e um segundo ao dever com a memória coletiva do tempo presente. É possível analisar a dualidade entre estes impulsos descritos por Marques como uma representação de uma tentativa de reconexão a seu lugar de pertencimento, em busca da cura daquilo que Said, (2003) descreve em seu ensaio *Reflexões sobre o exílio* como a dor mutiladora da separação, uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal. A partir de uma análise das perspectivas de ambos os autores, podemos compreender como esta narração quase que “interruptiva” de Eisenberg em suas obras é na verdade uma consequência da experiência do trauma vivenciado pela autora.

Seligmann-Silva (2009) discute sobre como esta necessidade testemunhal de indivíduos traumatizados teria sua origem na necessidade de narrar para o outro, de tornar suas experiências do trauma conhecidas pelos “outros”, sendo estes representados pelos que não teriam conhecimento ou entendimento dos horrores vivenciados pelo Narrador. O autor entende como a narrativa pode vir a ser uma ferramenta de reconexão do sobrevivente ao mundo, servindo como uma espécie de “ponte” em direção a um desejo de liberdade e de renascimento. Nessa perspectiva, podemos enxergar a primeira obra de Eisenberg publicada ainda em meio a seu exílio como um primeiro esboço desta “ponte” facilitadora do processo de reconexão da autora com sua própria liberdade. Apesar de seu caráter testemunhal e de denúncia ao fascismo, é inegável que esta primeira obra sofreu modificações propositais visando a viabilização de sua publicação em meio a um contexto no mínimo desfavorável à publicação de livros de origem alemã no Brasil. Algumas destas modificações podem ser identificadas através das seguintes características: sua língua de publicação, que é transmutada do alemão para o francês; o nome de publicação escolhido pela autora, que passa a assinar sob um pseudônimo; o nome de personagens essenciais a narrativa, que são substituídos por codinomes fictícios e até mesmo na divulgação com caráter romântico e relacionado a cidade de Paris através do qual o livro é anunciado. Marques (2024) argumenta como a última destas modificações teria se dado como parte das estratégias pensadas visando burlar as políticas de publicação discriminatórias da Era

Vargas, garantindo assim a publicação da obra. A autora analisa até mesmo como a mudança de título de “*Heinweh nach Frankreich*” (Saudades da França) do manuscrito alemão para *À la recherche du monde perdu* (Em busca do mundo perdido) na publicação oficial teria sido uma tentativa de assimilar a obra à publicação de *Em busca do tempo perdido* de Proust, e assim situá-la em meio ao que a autora chama de um “conjunto romanesco proustiano”²⁵.

Contudo, pensando uma continuidade ao argumento de Marques (2024) que defende que o caráter romântico e mais imaginativo deste primeiro livro teria como principal intuito burlar a censura da Era Vargas, torna-se possível observar estas características narrativas também através da perspectiva do trauma, analisando as possíveis consequências que as experiências traumáticas vivenciadas pela autora teriam na escrita da obra. O caráter mais Romântico de apresentação da primeira versão publicada do livro abre margem para que sua narradora faça um uso mais imaginativo da memória, permitindo que sua narração possa cruzar entre passado e presente, avançando em certas horas através do que parece ser até mesmo um fluxo de consciência, tudo sob o pretexto fantasioso orquestrado pelo seu formato de exposição ao público. Contudo, acredito que este uso imaginativo da narração não presta serviço apenas a este “disfarce” sob o qual o relato testemunhal de Eisenberg se resguarda, podendo servir também como uma ferramenta de resposta ao trauma vivenciado pela autora, segundo Seligmann-Silva,

“A imaginação é chamada como arma que deve vir em auxílio do simbólico para enfrentar o buraco negro do real do trauma. O trauma encontra na imaginação um meio para sua narração. A literatura é chamada diante do trauma para prestar-lhe serviço.” (Seligmann-Silva, 2009, p.70)

Nesse sentido, é possível entender como o teor fantasioso identificado por Marques (2024) na narração de Eisenberg não serviria apenas a função prática de facilitação da publicação de sua obra ao mascarar o seu teor testemunhal, mas também a função individual simbólica de processamento do trauma vivenciado pela autora ao enfrentar e registrar por escrito a realidade inimaginável de horrores e perdas trazidas pelos deslocamentos forçados que viveu. Assim, a narração imaginativa serve à autora como

²⁵ “l’ensemble romanesque proustien” (Marques, 2024 p.327)

um instrumento para tornar a ocorrência de crueldades inconcebíveis um pouco mais palatáveis, ajudando-a a literalmente narrar o inenarrável. Sobre este ponto, Scarpelli (2008) escreve:

“por meio do testemunho tenta-se dizer o que, via de regra, não se pode dizer. Por conseguinte, o relato testemunhal é um gênero que oferece suporte à representação do irrepresentável, um discurso capaz de desencadear uma rede de solidariedade entre vítimas de opressão, violência e toda sorte de traumas. Assim sendo, o testemunho desponta como um gênero narrativo por meio do qual se pode dizer o interdito, o horror, a dor da perda irremediável.” (Scarpelli, 2008, p.78)

Em meio a esse panorama, torna-se necessário entender também como ainda que a primeira obra de Eisenberg tenha um caráter mais imaginativo e uma narração mais criativa quando comparada a sua última publicação, isso não a torna de forma alguma falaciosa, argumento que pode ser comprovado tanto pela perspectiva levantada por Marques (2024) de que tal escolha faria parte das estratégias empregadas visando a possibilização da publicação, quanto na perspectiva levantada no presente texto, enxergando a assimilação do caráter imaginativo da obra como parte do processo de entendimento da autora de seu próprio trauma. Mesmo em sua publicação inicial, onde a narração pode ser percebida como mais confusa e, portanto, advinda de uma narradora que pode ser lida como menos confiável, quando confrontada com momentos de maior peso para a memória do holocausto, como sua internação no campo de concentração Gürs, o caráter testemunhal toma completamente conta da sua narração, que se torna de repente certeira e precisa, não deixando espaço algum para dúvidas que possam associá-la a um campo romântico (Marques, 2024). Marques aponta ainda como a narração testemunhal descriptiva de Eisenberg sobre o campo de Gürs é ainda mais preciosa quando observada em perspectiva mais ampla, já que todos os arquivos desse campo foram destruídos ainda em 1940, colocando assim a narração de Eisenberg como um raro resquício do funcionamento deste campo dentro da memória do holocausto. Não a toa a segunda parte do livro, publicada apenas em 1991, traz um tom muito mais autobiográfico e uma narradora muito mais centrada em sua trajetória, que não divaga em suas memórias e sentimentos como na primeira metade do texto. A narradora de *Karussell*, além de não ter mais a obrigação de disfarçar seu testemunho em meio a um romance, aparenta estar mais distante da vivência do trauma e entender

a necessidade da publicação de seu relato para com o compromisso com a memória do holocausto, sobre este tópico Marques escreve como *Karussell*

“parece ter uma preocupação de reparação testemunhal por parte da autora em relação à sua primeira autobiografia publicada em solo brasileiro, pois encontramos ali a difusão do corajoso plano de fuga de Görgen e a denúncia da política migratória antisemita do governo Vargas.”

Nesse sentido, podemos entender como há uma diferenciação clara entre as escolhas narrativas feitas por Eisenberg como autora entre sua primeira e última obra autobiográfica. Contudo, preciso relatar como durante a evolução desta pesquisa e a tentativa de encontrar qualquer um dos exemplares publicados por Eisenberg, que são todos raríssimos e de difícil acesso, diga-se de passagem, acabei por me deparar com o que parece ser uma espécie de ponte entre estas duas publicações, uma terceira versão da autobiografia de Eisenberg publicada entre as duas obras analisadas anteriormente. Se trata do livro intitulado de *Im schatten von Notre Dame* (À sombra da Notre Dame), publicado em Londres pela editora *World of Books* em 1986 sob o nome de Susi Eisenberg-Bach. Esta obra parece se localizar em um meio termo entre as duas outras publicações, tendo em si características semelhantes a ambas. Sob um olhar menos atento, o livro pode aparentar ser apenas uma publicação alemã de *À la recherche du monde perdu*, visto que ambas possuem capas basicamente idênticas quando analisadas em termos estéticos.



Figura 3: Capa da publicação de *Im Schatten von Notre Dame* (Eisenberg-Bach, 1986)

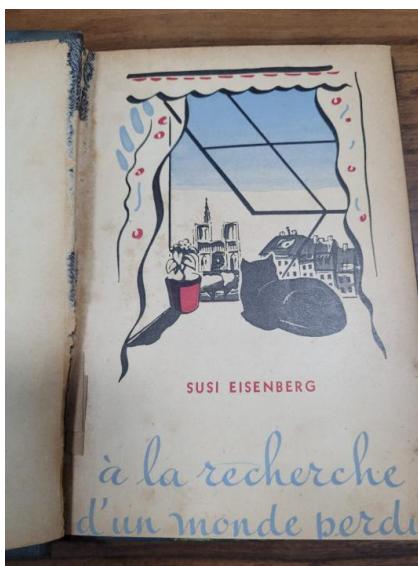


Figura 4: Foto da contracapa da versão de capa dura de *À la recherche du monde perdu* (Eisenberg, 1944).

Além disso, ambas possuem textos extremamente similares, fator que me faz pensar que esta terceira publicação seja formada pelo texto original do manuscrito em Alemão que foi traduzido para o francês na publicação brasileira de *À la recherche*.

Contudo, apesar das similaridades textuais entre os livros, as escolhas específicas a cada publicação são notavelmente divergentes. Enquanto *À la recherche* é publicado sob o pseudônimo de Susi Eisenberg e *Karussell* sob o nome adotado por Eisenberg após o casamento, Susanne Bach, esta terceira versão alemã opta por

nenhuma das duas opções, ou talvez até mesmo o que pode ser tido como a junção de ambas, o “pseudonome” Susi Eisenberg-Bach. Enquanto a primeira obra de Eisenberg parece ter o intuito proposital de ocultar a identidade de sua autora, delimitando o fim de sua narrativa propositalmente em sua ida ao Brasil, não revelando seu verdadeiro nome e não contendo foto alguma que poderia relacionar-se a ela, *Im schatten von Notre Dame* é publicado sob o seu sobrenome de casada, que deu nome a sua livraria e foi posteriormente o nome escolhido para sua última publicação. Além disso, essa obra transicional conta com diversas fotos e documentos privados da autora durante todo o seu corpo de texto, mostrando em detalhes lugares pessoais a ela como a lápide de sua mãe no cemitério judeu de Munique, uma fotografia sua em frente a *Librairie Droz* e até mesmo uma foto de seu gato preto Bimi, que a acompanha durante boa parte de sua narração e que foi provavelmente a inspiração para a capa do livro.



Figura 5: Fotografia do túmulo da mãe de Susanne Eisenberg, Erna Gutherz, no cemitério Judeu de Munique. (*Im Schatten von Notre Dame*, 1986, p. 6)

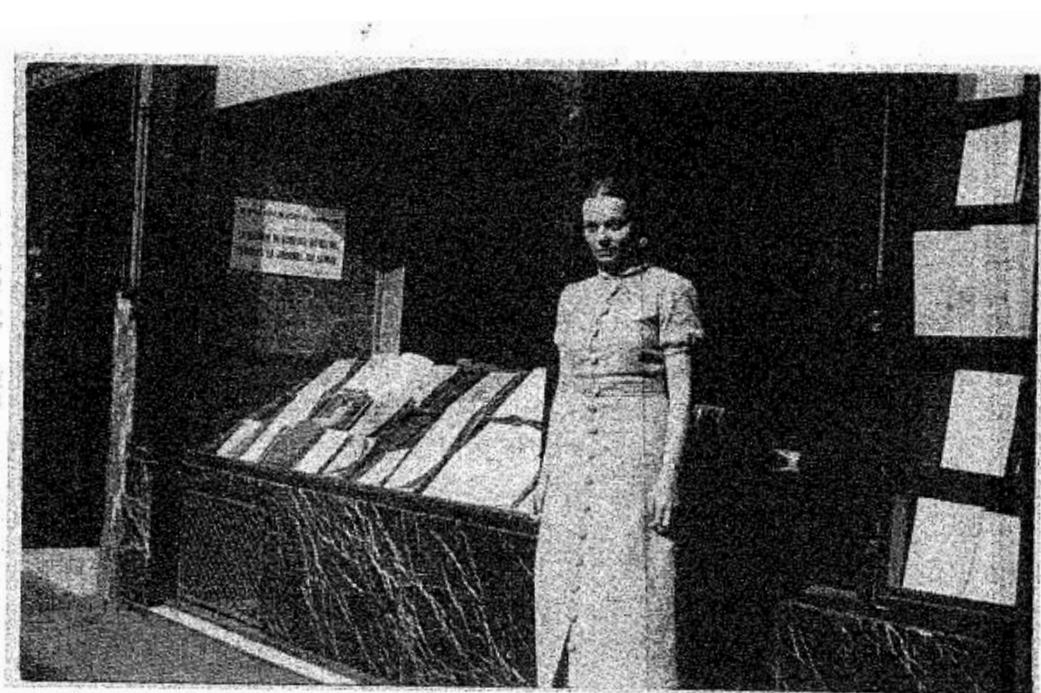


Figura 6: Fotografia de Susanne Eisenberg em frente a *Librairie Droz* em Paris. (*Im Schatten von Notre Dame*, 1986, p. 10)

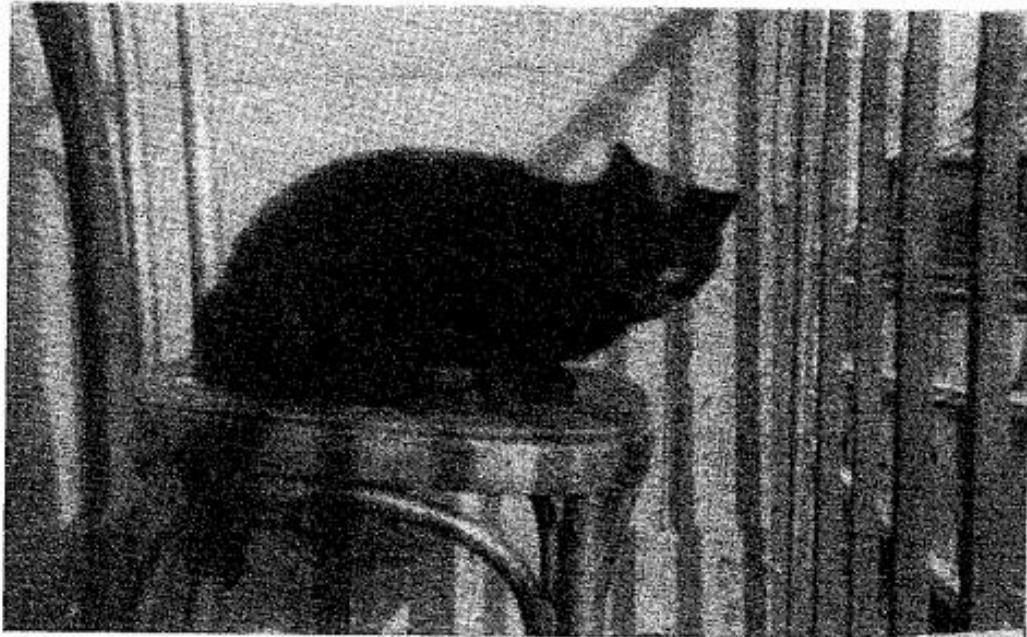


Figura 7: Fotografia de Bimi, gato de Susanne Eisenberg que a acompanha durante grande parte de sua narrativa. (*Im Schatten von Notre Dame*, 1986, p. 49)

O livro possui também em sua contracapa uma foto de Eisenberg, diferenciando-se assim mais uma vez de *À la recherche* e se aproximando aos poucos de *Karussell*. Enquanto as duas publicações dissecadas por Marques (2024) em seu artigo parecem ser opostas em muitos aspectos, esta terceira obra surge como um ponto no espectro entre elas, parecendo estar na metade do caminho, não é tão “completa” quanto *Karussell* (1991) por ainda não narrar a chegada de Eisenberg ao Brasil, mas definitivamente não possuí o “disfarce romântico” característico de *À la recherche* (1944).



Susi Eisenberg-Bach

»Es war kein gewöhnlicher Zug, sondern eine Micheline und ich stieg so hinein, wie ich aus dem Lager gekommen war –, noch ein bißchen schmutziger und mit dem Loch im Strumpf, das mich, obwohl man es kaum sehen konnte, noch unsicherer machte. Mein Gepäck bestand aus zwei lächerlichen Kofferchen, einem Mantel und einer häßlichen Plaidrolle, die mit Schnur zugebunden war, – es war ein typisches Nomaden- oder Landstreicher gepäck.

In diesem Zustand befand ich mich plötzlich wie durch einen Zauber in einem richtigen Pariser Salon. Die Damen waren schön und elegant, in hellen Sommerkleidern und mit Hüten aus der Rue Royale, die Herren sehr gepflegt, und alle sprachen leise und melodisch. Dieser in eine Micheline versetzte Salon bestand aus Diplomaten, hohen Beamten, Journalisten und ihren Familien, die nach Vichy gerufen worden waren, um dort ihre Funktionen zu übernehmen. Für diese Leute war das kaum eine Reise –, es war eher eine Spazierfahrt, als wenn sie von Paris nach Saint-Germain führten, um dort Tee zu trinken. Ich vergaß den Krieg, die Niederlage, die Einschränkungen – hier war ich wieder in Paris, in dem mondänen, geistreichen, frivolen Paris – dem Paris, das ich verloren geglaubt hatte.

Aber dieser Zug ging nicht nach Saint-Germain –, er ging nach Vichy.«

The World of Books Ltd. ISBN 3-88325-348-0

Verlag Georg Heintz ISBN-3-921333-81-4

Figura 8: Contracapa de *Im Schatten von Notre Dame* (1986), na qual podemos identificar uma fotografia de Eisenberg.

Nesse sentido, podemos analisar como esta obra pode representar uma transição entre a vida da autora antes e depois do trauma. O livro parece pairar em uma espécie de não-lugar localizado entre a partida de sua narradora em direção a algo, mas sem encontrar ainda um destino final de chegada. Como os milhares de imigrantes que ao longo da história contemporânea foram recebidos em hospedarias de imigração desanexadas da costa de seus países, como a Ilha das Flores²⁶ no Rio de Janeiro, ou Ellis Island²⁷ em Nova Iorque, indo em direção a uma nova vida do outro lado do mundo

²⁶ A Ilha das Flores funcionou como uma Hospedaria de Imigrantes entre os anos de 1883 e 1966, onde hoje funciona o Centro de Memória e o Museu da imigração da Ilha das Flores, mais sobre o funcionamento da hospedaria pode ser encontrado em:

<https://www.hospedariailhadasflores.com.br/museu-da-imigracao>

²⁷ Segundo Di Cesare (2020) Ellis Island foi inaugurada em 1982 como um meio de aplicar medidas restritivas sob o processo de imigração para os Estados Unidos até então sem restrições. Entre 1882 e 1924 mais de 16 milhões de pessoas passaram por Ellis Island, das quais 2%, cerca de 250 mil foram barrados de prosseguir viagem, havendo entre estes mais de 3000 suicídios. A autora descreve no

e se vendo presos entre a saída de um Estado e a incerteza de recepção em outro, nesta obra intermediária de Eisenberg a narradora parece ainda pairar sob este não-lugar entre a saída e a chegada. Este estado que paira estático sob uma incerteza é descrito nas palavras de Di Cesare (2020) em seu livro *Estrangeiros Residentes: Uma filosofia da migração* como “um lugar de trânsito, onde tudo ainda estava em jogo, aonde quem tinha partido não tinha ainda chegado, onde quem tinha deixado tudo não tinha ainda encontrado nada”.

2.3 Reparar o que foi rompido: estratégias para continuação da carreira intelectual

Em seu livro intitulado de *Perdas e Ganhos: Exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000*, o historiador Peter Burke propõe-se a árdua tarefa de realizar uma biografia coletiva, ou “prosopografia²⁸”, pensando os saberes transplantados e criados por intelectuais exilados e emigrantes ao longo de meio milênio. (Burke, 2017) O título da obra, *Perdas e Ganhos*, ilustra perfeitamente o principal objetivo do autor: entender as perdas carregadas por exilados - entre as quais cita o trauma do deslocamento, a ruptura na carreira, sensações de insegurança, isolamento e nostalgia, assim como a perda do status profissional e da antiga identidade individual - mas também aquilo que descreve, com parcimônia, como consequências “positivas” do exílio. Entre estas ele cita as contribuições singulares de exilados à disseminação e criação de conhecimento, afirmado que dentre as estratégias de assimilação de uma nova cultura adotadas pelos exilados, aquela que parece gerar a produção de conhecimento mais relevante seria a que busca uma integração entre os elementos de duas culturas, sendo estas as de sua terra natal e a de sua terra acolhedora. Em meio a este tópico extremamente abrangente, Burke discute também a principal questão-problema gerada por sua abordagem prosopográfica, intitulando esta de “o problema do iceberg”, e afirmado como esta perspectiva por um lado ilumina as

primeiro subcapítulo de seu livro, intitulado de Ellis Island, algumas das práticas desumanizantes praticadas a imigrantes pelo poder Estatal nesses tipos de hospedarias.

²⁸ “As análises oferecidas neste livro se baseiam na biografia coletiva, ou “prosopografia”, um método empregado por historiadores alemães da Roma antiga e introduzido na Inglaterra pelo historiador émigré Lewis Namier” (Burke, 2017, p.33)

contribuições dos exilados e emigrantes mais bem documentados, com jornadas relativamente fáceis de entender e obras tão conhecidas quanto aclamadas em suas respectivas áreas do conhecimento. Contudo, por outro, também falha em entender estas mesmas contribuições como parte de um conjunto imensurável de intelectuais exilados, sendo essas apenas “a parte mais visível de um conjunto muito maior”. (Burke, 2017, p.33) É em meio a este vasto e fundo iceberg, entre incontáveis intelectuais exilados que não tiveram suas trajetórias documentadas da maneira mais clara possível, que foram ofuscados por companheiros mais reconhecidos pela historiografia e pelo tempo ou até mesmo que contribuíram com a formação de conhecimento de maneiras menos óbvias, que podemos localizar a trajetória de contribuições intelectuais de Susanne Eisenberg.

Além da contribuição produzida por Eisenberg para com a memória histórica do holocausto através de suas publicações autobiográficas, a filóloga tornou-se extremamente reconhecida na esfera da circulação de conhecimento sobre o Brasil em âmbito nacional e internacional através do trabalho exercido por ela em sua livraria *Susanne Bach Comércio de Livros*²⁹, que funciona até hoje em sua sede no bairro de Botafogo. Parada (2024) descreve o impacto cultural gerado por este negócio, “a livraria se tornou referência para a elite intelectual carioca na compra de livros de catálogos internacionais”, afirmindo também como o treinamento de Eisenberg como livreira com Eugénie Droz fez com que a autora fosse capaz de ocupar um espaço importante em meio ao processo de circulação de ideias no Brasil pós Guerra. O autor mobiliza ainda a figura de Eisenberg através do conceito de Intelectual Mediador proposto por Castro e Hansen (2016) em seu livro *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e ação política*, que procura investigar mais a fundo as contribuições intelectuais desenvolvidas através de práticas de mediação cultural e os sujeitos por trás dessas, buscando entender a dimensão do impacto cultural realizado por estas figuras com trajetórias intelectuais menos óbvias como agentes que “tem uma posição específica no processo de criação cultural e possui possibilidades efetivas de intervenção” (Parada, 2024, p.201)

²⁹ A página inicial do site da livraria está disponível em: <http://sbachbooks.com.br/>

Nesse panorama, torna-se possível identificar as contribuições culturais de Eisenberg no âmbito intelectual para além de suas publicações autobiográficas, identificando também o trabalho desenvolvido através da circulação de conhecimento possibilitado pela sua atuação na livraria como central tanto a seu status como uma intelectual quanto como uma ferramenta possível de continuidade a sua carreira acadêmica interrompida na Europa. Múltiplas descrições dos ciclos sociais constituídos por intelectuais brasileiros e estrangeiros frequentados por Eisenberg em seu tempo no Brasil podem ser identificados a partir de sua narração na segunda metade do livro *Karussell*, tais como:

“Também passeava pela cidade, às vezes até mesmo na livraria de arte de Miccio Askanasy, um emigrante polonês. Mais tarde, ele se tornou muito famoso por meio do grupo de dança "Brasiliana"³⁰, que fundou e que viajou o mundo por anos.” (Bach, 1991, p. 96)

“Também nos reconectamos com a embaixada alemã e éramos frequentemente convidados para coquetéis e outros eventos. Em geral, nosso círculo era completamente internacional. Havia também ingleses, franceses e até espanhóis lá. Eu era muito amigo do pintor espanhol Pérez Rubio e de sua esposa, a renomada escritora Rosa Chacel.” (p. 103)

“Também conhecemos alguns brasileiros interessantes, incluindo o escritor Aníbal Machado³¹, que sempre tinha sua rotina matinal de domingo em Ipanema, onde se encontravam todos os intelectuais cariocas.” (p.104)

“Agora havia um teatro alemão no Rio; um grupo de emigrantes, incluindo o diretor Willy Keller, fundou o Neue Kammerspiele, que apresentava comédias e outras peças em alemão e sobreviveu por vários anos.” (p.106)

“Em março, deixei o Rio novamente e tive o prazer de sentar no avião ao lado de Marcel Camus, que acabara de terminar o filme "Orfeu Negro"³². Camus estava completamente exausto. Ele me contou que, nas últimas semanas, vinha supervisionando a dublagem do filme todas as noites em um estúdio em São Paulo que só estava disponível à noite. Ele estava tão deprimido que achou que o filme certamente faria pouco sucesso, mas acabou ganhando o primeiro prêmio em Cannes.” (p.112)

³⁰ Segundo Assunção e Pereira (2024) “O grupo Brasiliana estreou em janeiro de 1950, no Rio de Janeiro, e teve um papel fundamental, mas pouco reconhecido, na transposição da música e do balé negros ou afro-brasileiros para o palco e no desenvolvimento do espetáculo folclórico e de um “balé brasileiro” O artigo escrito pelos autores e que investiga mais a fundo a atuação do grupo de dança *Brasiliana* e destaca o papel de Miécio Askanasy, referido aqui por Eisenberg como Miccio Askanasy, pode ser encontrado em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/56421>

³¹ Uma breve biografia sobre o escritor pode ser encontrada no Acervo de Escritores Mineiros da UFMG, disponível através do link: <https://sites.letras.ufmg.br/aem/anibal-machado/>

³² Segundo Fléchet (2009): “Realizado por Marcel Camus a partir de uma ideia original de Vinícius de Moraes, o filme *Orfeu Negro* pode ser considerado como um marco na história da divulgação da cultura brasileira no mundo. Ganhou a Palma de Ouro em Cannes em maio de 1959, o Oscar e o Globo de Ouro do melhor filme estrangeiro em 1960.”

“O assessor cultural da Embaixada da Alemanha na época era o Dr. Ludwig Flachskampf. Eu costumava passar um tempo com ele e sua querida esposa. Eles moravam em uma casa grande acima do Jardim Botânico, em uma rua muito íngreme.” (p. 119)

“A diretora do Instituto Ibero-Americanano, uma de nossas clientes regulares, veio de Berlim, e eu a levei para passear pelo Rio e arredores. Me dei particularmente bem com ela e lamentei sua iminente partida para outros países sul-americanos. Então chegou o Sr. Whitehead, do Museu Britânico, que levei ao Instituto Histórico, onde ele ficou muito impressionado com a grande biblioteca. Todos sempre ficavam encantados com a minha livraria no Cosme Velho, que não parecia uma loja, mas sim uma biblioteca.” (p. 119)

“Agora, visitantes interessantes voltaram à livraria. Um deles era o ex-senador americano Luther Evans, que agora era diretor da biblioteca jurídica da Universidade de Columbia, em Nova York, e, como tal, meu cliente. Ele trouxe sua simpática esposa. Ela queria ver o museu de arte moderna, para onde a levei.” (p.122)

“Uma visitante muito agradável no Cosme Velho foi Etta Becker-Donner, diretora do Museu de Etnologia do Novo Hofburg em Viena, que eu já conhecia e de quem era amiga.” (p.129)

“O Dr. Görgen, líder do nosso grupo de emigração de 1941, que agora morava em Bonn, mas precisava viajar com frequência ao Brasil, visitou-me na livraria, o que me deixou muito feliz. Fiquei especialmente feliz em conhecer uma das filhas do querido Johannes Hoffmann. Ela acompanhou o Dr. Görgen quando nos encontramos para almoçar.” (p.131)

“Um ministro francês, Jacques Soustelle, veio com sua secretária para ver meus livros sobre indígenas americanos, pois era um etnólogo muito conhecido. E a Biblioteca Nacional de Paris encorajou cerca de sessenta títulos do meu catálogo de literatura alemã do exílio!” (p.139)

“No centenário de Stefan Zweig, visitei uma exposição com Alberto Dines. Ele estava escrevendo seu livro sobre Zweig ‘Morte no Paraíso’ e eu o ajudei um pouco com as citações e nomes. Este livro foi um enorme sucesso e foi reimpresso diversas vezes. Eu adoraria traduzi-lo, mas não consegui encontrar uma editora alemã. O então Cônsul Geral da Alemanha, Dr. Herbert Weil, veio à nossa livraria na véspera do Natal para pegar um exemplar. Ele era historiador e também se interessava por literatura do exílio. Infelizmente, adoeceu e faleceu logo depois. (p. 141.142)

Estes são apenas alguns dos incontáveis relatos de Eisenberg sobre sua intensa circulação em ciclos intelectuais após o seu exílio. Escolhi realizar esta seleção através apenas dos trechos que tem como seu cenário de fundo o Brasil, e em sua maioria o Rio de Janeiro, contudo Eisenberg narra também nesta obra uma circulação intensa em dimensões internacionais durante os anos que viveu entre a Europa e o Rio. A autora caracteriza sua recepção em instituições de altíssimo prestígio como “calorosa” devido aos frutos de seu trabalho como livreira, entre elas destaco suas visitas à Universidade de Harvard (1991, p. 106) e à Biblioteca Alemã (1991, p.112).

Apesar do sucesso inegável do comércio de livros empreendido por Eisenberg e do reconhecimento trazido a ela como figura intelectual através deste, um fator que chama atenção no *modus operandi* do negócio, principalmente levando em conta a vida

social de extrema atividade narrada por Eisenberg em seus livros, (Eisenberg, 1986;1991) é o fato de que a livraria não é, e nunca nem foi aberta ao público geral. Em suas obras autobiográficas (1986;1991), Eisenberg relata suas negociações de venda e exportação de livros com diversas instituições, mas não há indício algum de que este tipo de transação já tenha ocorrido abertamente a um público mais amplo, restringindo-se assim a uma esfera que pode ser caracterizada como privada ou no mínimo, controlada. Nesse sentido, torna-se possível articular este tipo de trabalho subterrâneo, que compra e vende obras sem se apresentar à esfera pública, com passado traumático de deslocamentos forçados sofridos por Eisenberg.

O exílio da escritora foi resultado de uma política nacional adotada pelo Estado-Nação no qual nasceu e que tornava sua existência literalmente ilegal. O direito de pertencer ao país no qual veio à vida lhe foi arrancado devido a soberania estatal e ao domínio territorial de um governo com ideais completamente fascistas e antisemitas. Assim, os desdobramentos das decisões regidas por este poder soberano Estadocêntrico que levaram a autora a sua fuga inicial para Paris, eventualmente de desdobrando em sua internação no campo de concentração de Gürs e em última instância em seu Exílio no Brasil. Os movimentos migratórios compelidos a Eisenberg durante boa parte de sua vida tiveram todos um adversário comum: o Estado. Dessa forma, pensando através de uma lógica de medo da esfera pública gerada pelo trauma de seus deslocamentos, faz total sentido a opção voluntária da livreira por gerir um negócio que não a expusesse visivelmente a esfera pública e, portanto, ao Estado. Podemos identificar este posicionamento reservado de Eisenberg quanto ao seu negócio como uma das muitas perdas sofridas por pessoas exiladas articuladas por Burke (2017), refletindo também como este receio de apresentação à esfera pública resultou na divulgação do sucesso do empreendimento da livraria apenas entre um grupo muito restrito de pessoas, sendo estas em geral intelectuais, pesquisadores e livreiros.

Conclusão

No último mês tive a recente oportunidade de entrar em contato direto com parte do arquivo da livraria *Susanne Bach Comércio de Livros* que nunca havia sido aberto à pesquisa, podendo assim iniciar um trabalho de análise das fichas que registram os livros exportados pela livraria em seus anos iniciais de funcionamento, quando Eisenberg ainda estava à frente do negócio. O trabalho de catalogação destas fichas ainda é muito inicial e não feito somente por mim, dada a dimensão do arquivo, porém já foi capaz de render alguns documentos interessantes visando os desdobramentos desta pesquisa e que são inéditos ao público. Dentre estes, trago

destaque a dois específicos: um dos cartões de visita pessoais de Eisenberg, que traz em si a logo da *Liga Internacional de Livreiros Antiquários (International League of Antiquarian Booksellers)*, da qual o lema “*Amor Librorum Nos Unit*” (O Amor ao livro nos une) dá nome ao último capítulo deste trabalho, e da *Associação Alemã de Antiquários (Verband Deutscher Antiquarre)*, mostrando a associação de Eisenberg a ambas instituições; uma ficha catalográfica que mostra a exportação do livro de Eisenberg, *Karussell: Von München Nach München* (1991) para universidades como Harvard e a Universidade de Munique. A ficha possuí ainda uma nota escrita à mão que descreve a obra como uma autobiografia da fundadora da livraria.

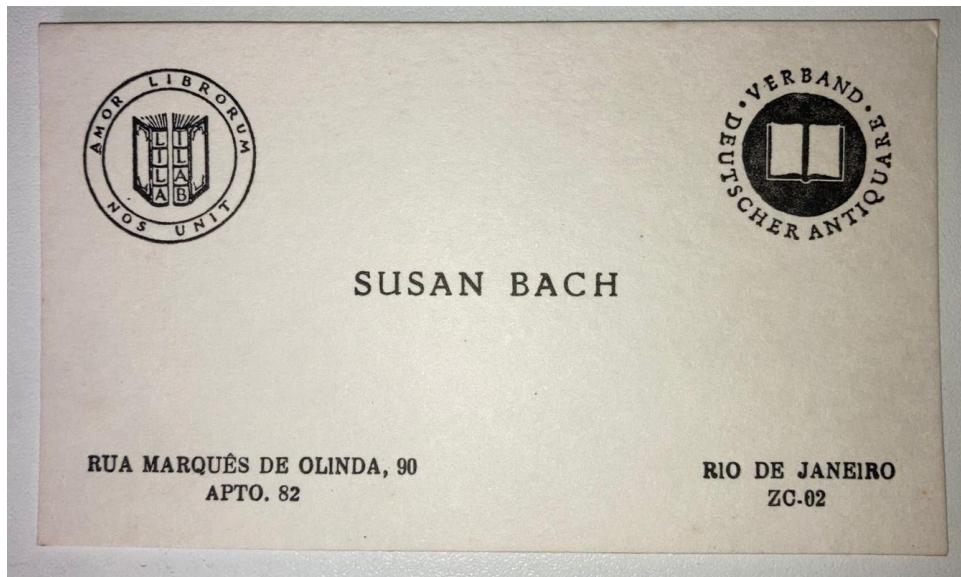


Figura 9: Cartão de Visitas de Eisenberg encontrado nas pesquisas iniciais no arquivo da Livraria *Susanne Bach*.

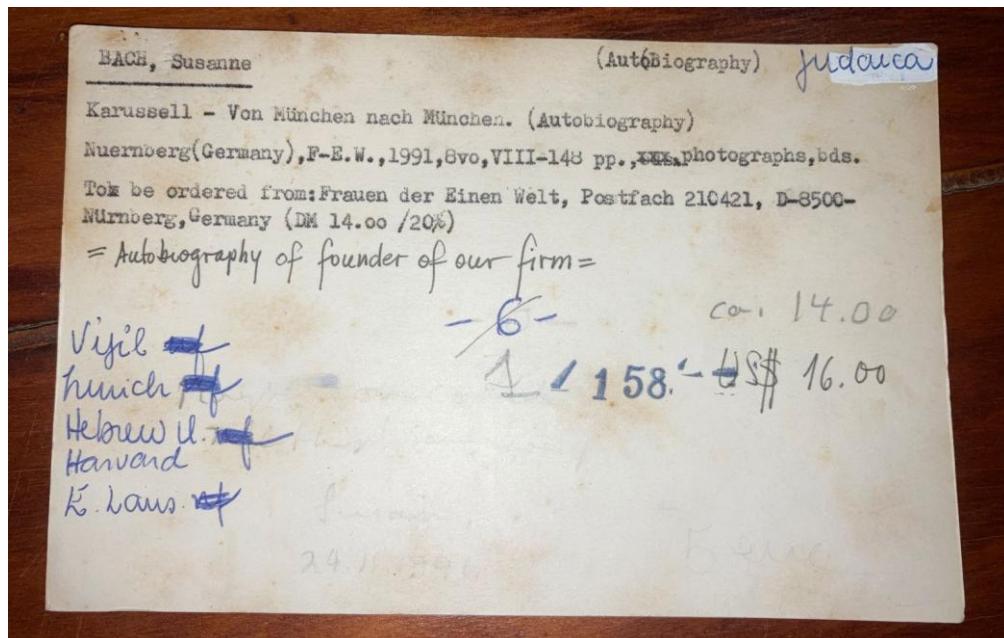


Figura 10: Ficha catalográfica do livro *Karussell: Von München nach München* (1991)

De certo, os frutos mais palpáveis da pesquisa neste arquivo ainda estão por vir e serão colhidos apenas em trabalhos futuros dado o caráter ainda inicial desta investigação e a imensidão de documentos presentes no registro. Porém, apenas esta ponta do iceberg que já foi explorada tem sido o suficiente para assimilar o tamanho da influência que o trabalho da livraria, e por consequência de Eisenberg, teve na esfera da circulação de conhecimento sobre o Brasil em âmbito nacional e internacional.

Nesse sentido, acredito que ao analisarmos a trajetória exilar de Eisenberg através da perspectiva de Burke (2017) podemos entender como apesar das perdas imensuráveis trazidas pela experiência traumática do exílio - podendo citar entre estas a interrupção de uma possível carreira brilhante na academia, a ruptura com seus lugares de pertencimento, o afastamento de pessoas queridas e a crise da identidade individual trazida pelo trauma do deslocamento - podemos identificar também como foi graças a esta posição exilar que significativas contribuições à disseminação e criação de conhecimento puderam ser exercidas por Eisenberg, como sua circulação em ciclos intelectuais internacionais, suas contribuições para a memória do exílio tanto como autora como quanto livreira e sua atuação pioneira na exportação de conhecimento produzido no Brasil para o mundo. Apesar desses “ganhos” identificados por Burke (2017) jamais serem capazes de se equivaler a ferida do trauma trazida pelo

exílio, eles definitivamente merecem reconhecimento como contribuições intelectuais de altíssimo valor para a história.

Em suma, podemos entender como a atuação de Eisenberg como uma intelectual exilada ativa em meio a construção da memória do Exílio e do Holocausto se deu de forma excepcional através de múltiplos caminhos diferentes. Desde a escrita e a publicação de sua primeira obra autobiográfica ainda durante a guerra, denunciando através de seu testemunho os horrores do holocausto enquanto este ainda estava em curso, até as suas contribuições como pesquisadora e colecionadora da literatura de exílio produzida no Brasil e sua exímia atuação como intelectual mediadora entre ciclos de intelectuais internacionais e brasileiros através da fundação de sua livraria.

Em conclusão, podemos entender como Eisenberg possuía uma trajetória singular como intelectual ao utilizar-se de suas publicações autobiográficas e de seu trabalho como pesquisadora do exílio e livreira como ferramentas em prol da circulação e criação de conhecimento a nível internacional, tendo sido pioneira no Brasil em sua atuação. Assim, espero ter conseguido preencher as lacunas sobre a trajetória e atuação intelectual de Eisenberg antes, durante e depois de seu exílio através de suas múltiplas facetas, pintando a figura de Susanne Eisenberg como o que ela realmente é, uma intelectual.

Referências Bibliográficas

- ASSUNÇÃO, M. R.; DA CONCEIÇÃO PEREIRA, J. Brasiliана: balé negro e performance no circuito transatlântico, 1949-1973. **Afro-Ásia**, Salvador, n. 69, p. 311–364, 2024. DOI: 10.9771/aa.v0i69.56421. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/56421>. Acesso em: 22 jun. 2025
- BACH, Susanne. Karussell. **Von München nach München**. Nurembergue: Frauen in der Einen Welt, 1991.
- BELOCH, I. (coord.). **Dicionário dos refugiados do nazifascismo no Brasil**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2021.
- BURKE, Peter. **Perdas e ganhos**: exilados e expatriados na história do conhecimento na Europa e nas Américas, 1500-2000. São Paulo: Editora Unesp, 2017.
- CARNEIRO, M.L.T. Hermann Mathias Görgen *In Histórias de Vida - Refugiados dos Nazifascismo e Sobrevidente da Shoah - Brasil 1933-2017* - Editora Maayanot Br; 1^a edição. 2018
- CASA STEFAN ZWEIG. **Dicionário dos refugiados do nazifascismo no Brasil**. [s.l.] Imprimatur, 2022.
- DE TRIBOLET, Maurice. Arthur Piaget (1865-1952): Background of Jean Piaget's father. *In*: Perret-Clermont, A.-N., Barrelet, J.-M. (org) **Jean Piaget and Neuchâtel: The Learner and the Scholar**. 1. ed. Psychology Press: 2007. Disponível em: https://www.routledge.com/Jean-Piaget-and-Neuchtel-The-Learner-and-the-Scholar/Barrelet-Perret-Clermont/p/book/9780203946015?gl=1*bivolv*_gcl_au*MjIzNjAxMTE2LjE3NDI5Mjg0NTA.*_ga*MTMwODUwMDE0NS4xNzQyOTI4NDU4*_ga_0HYE8YG0M6*MTc0NTg0OTg5NC41LjEuMTc0NTg1MDQxNi42MC4wLjA
- DI CESARE, Donatella. **Estrangeiros Residentes**: Uma filosofia da migração. Editora Âyiné, Belo Horizonte, 2020.
- ECKL, Marlen. O exílio no Brasil ou "A Europa no meio do mato": desencontros entre Stefan Zweig e Ulrich Becher. **Revista do Instituto de**

Estudos Brasileiros, São Paulo, Brasil, n. 53, p. 127–148, 2011. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i53p127-148. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/34688>. Acesso em: 28 abr. 2025.

- EISENBERG, Susi. **À la recherche d'un monde perdu**. Rio de Janeiro: Centro de Edições Francesas, 1944.
 - EISENBERG-BACH, Susi. **Im Schatten von Notre Dame**. The World of Books: London, 1986.
 - EISENBÜRGER, Gert. Mir ist das nie als etwas besonderes vorgekommen. Exílio e emigração da escritora Susanne Bach. **Ila-Das Lateinamerika-Magazin**, Munique, n. 152, fev. 1992. Disponível em: <https://www.ila-web.de/ausgaben/152/mir-ist-das-nie-als-etwas-besonderes-vorgekommen>
Acesso em: 17/06/2025
 - FACCHINETTI, Cristiana et al. “*Vatican Refugees*”: *intellectuals, knowledge, and technologies in the flight from Nazism to Brazil (1938-1953)*. **Revista História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 2, p. 157-172, 2023.
 - FELDMAN, Shoshana. Educação e crise, ou as vicissitudes do ensinar. In: NESTROVSKI, Arthur; SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). **Catástrofe e representação**. São Paulo: Escuta, 2000.
 - FISCHER, E. Verleger, **Buchhändler und Antiquare Aus Deutschland und Österreich in der Emigration Nach 1933: Ein Biographisches Handbuch**. Alemanha: Walter de Gruyter GmbH, 2020.
 - FLÉCHET, Anaïs. Um mito exótico? A recepção crítica de *Orfeu Negro* de Marcel Camus (1959-2008). Significação: **Revista de Cultura Audiovisual**, [S. l.], v. 36, n. 32, p. 43–62, 2009. DOI: 10.11606/issn.2316-7114.sig.2009.68091. Disponível em: <https://revistas.usp.br/significacao/article/view/68091> .. Acesso em: 22 jun. 2025.
 - GAY, Peter. **A Cultura de Weimar**; Tradução de Laura Lúcia da Costa Braga. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1978.
 - GOMES, A. C. G. (org.); HANSEN, P. (org.) **Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

- GÖRGEN, H. **Uma vida contra Hitler**. Fortaleza: UFC, 1999.
- GUEBERT, Carolina Aparecida. Traduções da “França Livre” em tempos de guerra e Estado Novo: mapeando um circuito gaullista no Brasil (Rio de Janeiro 1940-1945), In: Silva, Eliane Cristina (et. all.) (org.) **Cultura, resistência e autoritarismo**, Maringá, PR: Edições Diálogos, 2021.
- HOLMS, Mariana. Deslocamentos produtivos. **Teresa: Revista de Literatura Brasileira**, São Paulo, Brasil, v. 1, n. 20, p. 421–428, 2020. DOI: 10.11606/issn.2447-8997.teresa.2020.158961. Disponível em: <https://revistas.usp.br/teresa/article/view/158961>. Acesso em: 3 jun. 2025.
- HUTTON, C. **Linguistics and the Third Reich: Mother-tongue Fascism, Race and the Science of Language** em **Routledge Studies in the History of Linguistics**. Routledge: 2012.
- KESTLER, Izabela Maria Furtado. **Exílio e Literatura**. São Paulo: Edusp, 2003
- MAAS, U. **Verfolgung und Auswanderung deutschsprachiger Sprachforscher 1933–1945, Bd. II** (Biographische Artikel G-Q; Nachträge A - F), Osnabrück 2004.
- MARQUES, Patrícia da Silva Reis. **Dante como poeta da unidade**: Erich Auerbach e a Dantologia Alemã dos Anos 1920-1930 / Tese (doutorado)– Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de História, 2021.
- MARQUES, Karina Carvalho de Matos. L'autobiographie française de Susanne Bach: des stratégies pour raconter la Shoah entre le Vargasme et le Nazifascisme. **Perspectivas interculturais [livro eletrônico]: discurso, linguagem e poder**, Edições Makunaima; EdUff, pp.325-350, 2024, 978-65-87250-58-8. Disponível em: <https://hal.science/hal-04755053v1/file/Perspectivas-interculturais-discurso-linguagem-e-poder.pdf> Acesso em: 3 de junho de 2025
- MEYLAN, Henri. Nachruf: Eugénie Droz (1893-1976). **Schweizerische Zeitschrift für Geschichte**, Volume 27, Edição: 4, 1977. Disponível em:

<https://www.e-periodica.ch/digbib/view2?lang=en&pid=szg-006%3A1977%3A27%3A%3A544#544> . Acesso em: 15/04/2025.

- MONFRIN Jacques. Eugénie Droz. In: **Romania**, tome 98 n°392, 1977. pp. 569-572; Disponível em: https://www.persee.fr/doc/roma_0035-8029_1977_num_98_392_6934. Acesso em: 15/04/2025.
- MOROKIVASIC, Mirjana. "Birds of Passage are also women." **Internacional Migration Review**, v. 18, n. 4, Winter 1984, p. 886-907.
- PARADA, M. Arquivo e melancolia: Susanne Eisenberg Bach e sua trajetória exilar no Brasil. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, [S. l.], v. 81, p. 197–218, 2024. DOI: 10.23925/2176-2767.2024v80p197-218. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/67717>. Acesso em: 20 fev. 2025.
- QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência, ou A literatura do exílio**. Rio de Janeiro, Topbooks, 1998.
- SAID, Edward. Reflexões sobre o exílio. In: **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p.46-60.
- SANTOS, D. L. O mal-estar em Ulrich Becher: a sombra do nazismo e o refúgio no Brasil. **Diálogos**, v. 28, n. 2, p. 65-86, 12 fev. 2025.
- SCARPELLI, Marli Fantini. **Na era do testemunho**. Via Atlântica, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 73–98, 2008. DOI: 10.11606/va.v0i13.50256. Disponível em: <https://revistas.usp.br/viaatlantica/article/view/50256>.. Acesso em: 5 jun. 2025.
- SELIGMANN-SILVA, Márcio. Narrar o trauma. A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. In: UMBACH, Rosani Ketzer (Org.). **Memórias da repressão**. Santa Maria: UFSM, PPGL, 2008.
- SOUZA, P. D. dos S.; BARBOSA, D. S. P. "Meus filhos nenhum sabe falar o alemão [...] Mas hoje é tarde, não posso fazer ensinar": política linguística na Era Vargas. **Tabuleiro de Letras**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 232–250, 2023. DOI: 10.35499/tl.v17i2.17143. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/tabuleirodeletras/article/view/17143> . Acesso em: 10 jun. 2025.

- SUCHY, Barbara, The Verein Zur Abwehr Des Antisemitismus (II): From the First World War to its Dissolution in 1933, **The Leo Baeck Institute Year Book**, Volume 30, Issue 1, January 1985, Pages 67–103, <https://doi.org/10.1093/leobaech/30.1.67>
- UHR, Horst. **Lovis Corinth**. Berkley: University of California Press, c.1990. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=en&lr=&id=dt43EQAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA30&dq=lovis+corinth&ots=_mcrEAt91P&sig=L5zaOh99Vj4bqnrL6tViRhn0iHY&redir_esc=y#v=onepage&q=lovis%20corinth&f=false

Arquivos Consultados

- **ARQUIVO DA LIVRARIA SUSAN BACH COMÉRCIO DE LIVROS**, múltiplos autores, data de início e fim do arquivo é incerta. Disponibilizado pela equipe da livraria a partir de maio de 2025
- Cartão de Imigração de Dana Becher. **"Brasil, Cartões de Imigração, 1900-1980"**, 1941. Family Search, disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/1:1:KFFR-DT2> Acessado em 29/04/2025 às 17:49

Fontes Digitais

- ARMPOUNIOTI, Charalampia and STOVALL, Amanda. **A century of mobility: A glimpse into the history of refugee travel documents**. Site da ACNUR, 2024. Disponível em: <https://www.unhcr.org/blogs/a-century-of-mobility-a-glimpse-into-the-history-of-refugee-travel-documents/> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Droz Livres d'érudition**. Site da *Librairie/Maison Droz*. Disponível em: <https://www.droz.org/monde/content/about> Acesso em: 22 jun. 2025
- CHAIX, Benjamin. **En 1924, Eugénie Droz ouvre sa maison d'édition**, 2024. Disponível em: <https://www.tdg.ch/une-gabrielle-chanel-de-ledition-erudite->

[en-1924-eugenie-droz-ouvre-sa-maison-dition-952666747823](https://www.jstor.org/stable/10.1080/08980350.2019.1590003) Acesso em: 22 jun. 2025

- **History of ILAB** (*International League of Antiquarian Booksellers*). Site da ILAB. Disponível em: <https://ilab.org/page/history> Acesso em: 22 Jun. 2025
- **Antiquarian Booksellers in Exile – Susan Bach (1909-1997)**. Site da ILAB, 2014. Disponível em: <https://ilab.org/fr/article/antiquarian-booksellers-in-exile-susan-bach-1909-1997> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Dr. Susanne Eisenberg-Bach. Romance scholar, bookseller, emigrant**. Site da *House of Bavarian History*. Disponível em: <https://hdbg.eu/zeitzeugen/detail/holocaust-shoah/dr-susanne-eisenberg-bach/38> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Persecution and Emigration of German-Speaking Linguists 1933-1945 - Susanne Bach**. Site do projeto *Persecution and emigration of German-speaking linguists 1933-1945* Disponível em: <https://zflprojekte.de/sprachforscher-im-exil/index.php/catalog/b/132-bach-susanne> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Persecution and Emigration of German-Speaking Linguists 1933-1945 - Karl Vossler**. Site do projeto *Persecution and emigration of German-speaking linguists 1933-1945* Disponível em: <https://zflprojekte.de/sprachforscher-im-exil/index.php/catalog/v/473-vossler-karl> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Persecution and Emigration of German-Speaking Linguists 1933-1945 - Leo Spitzer**. Site do projeto *Persecution and emigration of German-speaking linguists 1933-1945* Disponível em: <https://zflprojekte.de/sprachforscher-im-exil/index.php/katalog-m-z/s/440-spitzer-leo-siegfried> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Persecution and Emigration of German-Speaking Linguists 1933-1945 - Walter Krauss**. Site do projeto *Persecution and emigration of German-speaking linguists 1933-1945* Disponível em: <https://zflprojekte.de/sprachforscher-im-exil/index.php/module-styles/k/291-krauss-werner-rudolf> Acesso em: 22 jun. 2025

- **Lovis Corinth.** Site do *Kimbell Art Museum*, disponível em: <https://kimbella.org/art-architecture/recent-acquisitions/lovis-corinth> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Geschichte.** Site do *Thesaurus Linguae Latinae*. Disponível em: <https://thesaurus.badw.de/ueber-den-tll/geschichte.html> Acesso em: 22 jun. 2025
- **HICEM.** Site do Yad Vashem *The World Holocaust Remembrance Center*. Disponível em: <https://collections.yadvashem.org/en/about/o6368> Acesso em 22 jun. 2025.
- **About Us.** Site da livraria *Susanne Bach books*. Disponível em <http://sbachbooks.com.br/about-us/> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Special exhibition: Ulrich Becher.** Site *Kuenste im Exil ou Arts in Exile*. Disponível no link: <https://kuenste-im-exil.de/KIE/Content/EN/SpecialExhibitions/UlrichBecher-en/Objects/04-exile-in-brazil/brasilien.html> Acesso em: 22 jun. 2025
- **EISENBÜRGER, Gert.** **Mir ist das nie als etwas besonderes vorgekommen. Exílio e emigração da escritora Susanne Bach, 1991.** Site da *Illa-Das Lateinamerika-Magazin*. Disponível em: <https://www.ila-web.de/ausgaben/152/mir-ist-das-nie-als-etwas-besonderes-vorgekommen> Acesso em: 17 jun 2025
- **Centro de Memória da Imigração da Ilha das Flores.** Site da Hospedaria Ilha das Flores. Disponível em: <https://www.hospedariailhadasflores.com.br/museu-da-imigracao> Acesso em: 22 jun. 2025
- **Aníbal Machado.** Site do Acervo de Escritores Mineiros da UFMG. Disponível em: <https://sites.letras.ufmg.br/aem/anibal-machado/> Acesso em: 22 jun. 2025